

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Artigos, textos, notas e poesias assinadas por
Eglê Malheiros

Organização: Iraci Borszcz e Elisa Camillo
Coordenação: Profa. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

- 1 Índice de documentos por números.....
- 2 Cópias digitalizadas.....
- 3 Índice por ano

1 Índice de documentos por números

01	MALHEIROS, Eglê. Alto Risco. Diário Catarinense. Diário Catarinense , Florianópolis, 23 de mar. de 2009. Artigos
02	MALHEIROS, Eglê. Litania da Simplicidade. [1953]. Manuscrito.
03	MALHEIROS, Eglê. Infante Juvenil: sem jeremiada. Leia Livros , ago. de 1981. Chamada
04	MALHEIROS, Eglê. Quatro vozes do Paraná que tem muito a dizer. O Globo , 8 de ago. de 1976. Livros
05	MALHEIROS, Eglê. Ninguém resiste aos binóculos das irmãs Pilar. O Globo , 03 de abr. de 1977. Livros
06	MALHEIROS, Eglê. A irresistível ascensão de um ex-irmão leigo. O Globo , 31 de out. de 1976. Livros
07	MALHEIROS, Eglê. A irresistível ascensão de um ex-irmão leigo. Suplemento Literário , Minas Gerais, 8 de jan. de 1977.
08	MALHEIROS, Eglê. Uma escritora de talento à espera de um editor. O Globo , 23 de maio de 1976. Livros
09	MALHEIROS, Eglê. Um contista de pulso que fustiga os costumes. O Globo , 23 de jan. de 1977. Livros
10	MALHEIROS, Eglê. Um livro póstumo à procura de seus leitores. O Globo , 2 de maio de 1976.
11	MALHEIROS, Eglê. Um gênero de limites oscilantes. O Globo , 6 de jun. de 1976. Livros, p. 9
12	MALHEIROS, Eglê. Uma população risível e patética. O Globo , 9 de nov. de 1977. Livros
13	MALHEIROS, Eglê. Problemas da tradução do livro infantil. Boletim Mensal SNEL, N. 28, dez. 1977, p.4-5.
14	MALHEIROS, Eglê. El cuento: garra e imagición. [Suplemento da Tribuna , p. 6]
15	MALHEIROS, Eglê. Um mundo de sonho e verdade. Ciranda , Florianópolis: UFSC, Ano 1, n.1, out. 1981. Capa.
16	MALHEIROS, Eglê. As artes de nossa terra. Folha da cultura - Jornal da Fundação Franklin Cascaes, Ano III, n.9, mar. 1995. As artes.
17	MALHEIROS, Eglê. Emília ontem e hoje. Ô Catarina , Florianópolis, n.42, set/out 2000. Ensaio, p.4
18	MALHEIROS, Eglê. Monteiro Lobato do Jeca ao Zé Brasil. Suplemento da Tribuna , Ano, VI, n. 275, 12/13 ago. de 1978,
19	MALHEIROS, Eglê. Nossos Poetas. O Rebate , 20 de fev. de 1960, p.3
20	MALHEIROS, Eglê. Atualidade de Cruz e Souza. O Estado , Florianópolis, 19 de mar. de 1980. Cidade, p.16
22	MALHEIROS, Eglê. Carta a uma criança simbólica. Diário Catarinense , Florianópolis, 24 e 25 de dec. De 2005. DonnaDC, p. 11.
23	VALADÈS, E. Edmundo Valadès, um escrito mexicano no Brasil. Entrevistado pro Eglê Mlaheiros. O Globo , 18 de out. d e1976.
24	UM DEDO de prosa com Eglê Malheiros. Florianópolis: CCE/UFSC, 2004. 16 p.
25	MALHEIROS, Eglê. O velho militante. Cartaz: Cultura & Arte , ano v, n.29, p. 76, [2--?].
26	MALHEIROS, Eglê. Primavera. Revista do Sul , n.243, p. 49, mar. 1978

2 Cópias digitalizadas

Artigos > DC- 26/3/2009

01

Alto risco

EGLÊ MALHEIROS *

É preciso que nós habitantes de Florianópolis, tanto os aqui nascidos como os vindos de fora, que realmente vivemos a cidade, tomemos ciência do risco que corremos. Estamos ameaçados de virar paisagem, elementos de composição de ambiente, exotismo que tempera a sobreposição do fator tecnológico na construção dos edens para os "happy few". Viramos paisagem ao mesmo tempo em que as belezas (e riquezas) naturais são apropriadas e maltratadas pelos grupos econômicos, mormente os ligados ao capital volátil do cassino financeiro internacional.

Seria de esperar (ou melhor, não seria, dado fatos pretéritos) que os governantes tirassem lições da crise em processo e tivessem um pouco mais de recato em acenar para os entes financeiros com facilidades jamais sonhadas, não se envergonhando nem de bancar os rufiões, dizendo que somos lucro garantido além de termos "mulheres lindas".

Campos de golfe verdejam por cima das dunas, reservas ambientais são tomadas por condomínios, os mesmos atores das grandes falcatruas internacionais são recebidos como hóspedes desejados. Se não nos mobilizarmos cobrando das autoridades o cumprimento de suas obrigações – governar para o povo, com o povo e pelo povo, proteger nossa cultura, não deixando que as ma-

nifestações populares virem enfeite para dar "cor local" à indústria do turismo, impedir que o intercâmbio vire reles macaquear do que se faz lá fora, estimular a ação da sociedade em vez de tentar enquadrar movimentos sociais –, se isso não acontecer qualquer dia ao abrirmos os olhos veremos um cartaz à entrada, semelhante ao que havia em Pequim no tempo dos protetorados estrangeiros: "Proibida a entrada de cães e chineses".

Releio o texto e me dou conta de estar a ponto de cometer grande "injustiça". A pressa é inimiga da perfeição, não há que ter pressa, é só esperar até outubro. Outubro é o mês da "redenção", a confiar no senhor Edson Busch Machado. Em outubro as agruras do transporte público, os professores mal pagos, a Biblioteca Pública (salva por nossa gente e precisando de recursos), o caos nas emergências, violência, carestia, tudo se esfumará no horizonte. Nós, que segundo essa autoridade fomos ovacionados em Marrakech, levemos sediar um Festival Internacional de Mágica; nossos hóspedes educados e altruístas de maneira nenhuma deixarão de agradecer a seus hospedeiros (nós, manés, zé-povinho, pois tudo é feito com nosso dinheiro) e num passe de mágica farão de nossas vidas um manso lago azul, com nossos problemas definitivamente resolvidos.

* Escritora

02

LITANIA DA SIMPLICIDADE

Eglê Malheiros

A beleza das coisas simples,
A felicidade dos imensos nada,
Ser natureza unicamente
E tudo compreender. .

Ser simples,
Na simplicidade cheia de força
Que a natureza tem;
Me irmanar com a vida,
Sentí-la profundamente,
Fazer em meu ser profundas chagas
Com a dor de todos,
E me sentir compensada
Na alegria do vôo de um pássaro,
Na misteriosa poesia
De estrelas morrendo
Envoltas em luz
Ao dia surgir.

Nasceu em Tubarão SC, em 1928.

É professora, escritora e tradutora.

Fez parte do Grupo Sul e da revista Ericeira

Publicou: Manhã (poemas) Ed. Sul Deixa menino Ed. Brian
Revista Sul, Florianópolis, n. 19, 1953, p. 20.

Vozes veladas (teatro) Ed. Movimento e Os meus fantasmas
Ed. Movimento

03

chamada

Foto José Olympio



Helena Jobim

autoconhecimento. Finalmente, pela delicadeza do bico-de-pena ou da aquarela, nasce "Alba", a adolescente louca, perdida entre seus cavalos imaginários num mundo de duros contornos. Neste texto, a autora atinge seus melhores momentos, não só pela atmosfera encantatória, mas pela sutil denúncia às punitivas instituições psiquiátricas que diariamente fabricam doentes mentais cujo único crime é a sensibilidade excessiva.

Com o fio dessa emoção desesperada, alucinógena (justamente por isso mais lúcida, mais funda), é que são tecidas as histórias de Helena Jobim. Vibrantes, cintilando de cores, formas, cheiros. Vivas. Realizando plenamente aquilo que Anaís Nin pregava nos ensaios de *The Novel of the Future* — uma literatura antipasteurizada, capaz de expressar poética e magicamente essa assustadora e fascinante imensidão: o inconsciente humano. Tudo isso Helena Jobim consegue. Com a ousadia de um escritor inteiramente seguro e, às vezes, iluminado.

— CAIO FERNANDO ABREU



**LEIA LIVROS
INFANTO
JUVENIL**
agosto 1981
Sem jeremiada

O LEOPARDO de Cecil Bødker
(Trad. de Wilma F. R. Carvalho).
Nórdica, 140 pp. 290,00

Um menino etíope, pastor em sua aldeia, sai de casa à procura de quem lhe roubo uma novilha. Este é o fio condutor da narrativa, de simplicidade enganadora.

Estamos diante de uma história de iniciação: Tibeso sai do ambiente restrito da vida familiar e amplia seu universo, vai conhecendo pessoas, enfrentando perigos, sentindo indiferença, solidariedade ou hostilidade. Seus recursos são os de uma criança acostumada desde cedo à

luta por uma vida difícil, mas ancorada num ambiente familiar que lhe fornece amparo e afeição. As ações e reações de Tibeso não são aleatórias, porém fruto do meio ambiente em que vive, da cultura que lhe dá identidade.

Aí está um ponto em que a simplicidade é enganadora. Apenas um menino. Mas que só se revela e constrói (e o mesmo se pode dizer sobre as outras personagens) dentro de seu povo e de seu meio. Por outro lado, não se trata de um menino etíope, mas de um menino apenas. Com a curiosidade e inventividade de toda criança, a inocência e esperteza de toda criança, e o espírito de descoberta que impulsiona um ser jovem. Um menino se alimentando do que a tribo lhe transmite, mas também aprendendo a ver mais e mais longe.

A grande carga de informações sobre a vida na aldeia etíope que o livro passa não soa, em momento algum, postiça ou exótica. Não podemos deixar de pensar em outra escritora dinamarquesa, Isaac Dinesen. Sem ter a envergadura de *Fazenda Africana*, o livro de Cecil Bødker foge a um etnocentrismo colonialista e reconhece quão diversas podem ser as pessoas, quão diferentes seus hábitos e costumes, mas quão igual se urde o tecido de sua humanidade.

O prêmio H. C. Andersen, do IBBY, fiel à seu sentido universalista, premiou uma autora que foge à costureira jeremiada sobre o Terceiro Mundo, embora lhe revele as condições, e que nos conta uma história de luta e solidariedade.

Resta agora esperarmos que logo se traduza Silas, para que o público brasileiro perceba estar diante de uma autora para todas as idades, e que seus livros, como devia ser toda a produção acessível ao público juvenil, pertencem só à literatura, sem adjetivos.

O lançamento de *O Leopardo* é um passo importante para a ampliação do leque de bons autores estrangeiros apresentados a nosso público juvenil, que precisa ler muita gente nossa, mas não deve ficar isolado do resto do mundo. A tradução é fluente e cuidada, boa de se ler.

— EGLÊ MALHEIROS

04
**Quatro vozes do
Paraná que têm
muito a dizer**

Livros
O Globo
8/8/76
Domingos Pellegrini Jr.,
Hamilton Faria,
Raimundo Caruso
e Reinoldo Atem
4 POETAS

Poemas
Editora Cooperativa de Escritores
69 páginas
Cr\$ 20
Cotação: ★ ★ ★ ★

No pórtico o aviso: "Este livro foi impresso graças à colaboração financeira de várias pessoas", aviso que dá a medida das resistências que os poetas têm de vencer para se verem editados; depois ainda ficam as barreiras entre eles e o leitor. O que é uma pena, pois esses quatro poetas do Paraná têm muito a dizer. Quatro sensibilidades diferentes, quatro maneiras de ser, unidos pela preocupação com o aqui e o agora de nossa existência e não por um simples acidente de naturalidade.

Falaremos um pouco de cada um, sem pretender, numa simples resenha,

lançar mais lenha na fogueira da discussão sobre forma, geração 45, concretismo e coisas tais, que merecem e precisam ser discutidas, porém de modo mais demorado e objetivo. Afinal o que interessa são as obras, elas é que podem aspirar à perenidade, e às vezes à alcançam. Críticos (e resenhadores, talvez) são meros agentes catalizadores, acionadores de mecanismos de indagação que agitam os elementos sem poder determinar-lhes a configuração.

Domingos Pellegrini Jr. é poeta e contista. Foi publicado em Ficção e Livro de Cabeceira do Homem. Seus poemas tratam das miudezas do cotidiano, das tragédias envergonhadas, do lado anti-heróico da saga do "Norte do Paraná" e também da lúcida revolta. São poemas compactos, dos quais é difícil extrair um verso sem trai-lo. Hamilton Faria é menos contido, temperamento condoreiro domado pelos limites de um cuidado formal. Busca o ritmo popular em seus versos, procura tornar evidente o que é escamoteado. Raimundo Caruso volta-se para um Brasil inscrito na América Latina, versos sincopados, quase secos, em que imagens tiradas da vida diária adquirem significados profundos. Reinoldo Atem lança mão do contraponto entre imagens que seriam românticas e enfoques realistas, uma espécie de claro-escuro verbal.

Quatro poetas muito lúcidos e sensíveis, apenas iniciando uma caminhada, longa caminhada, que oxalá não lhes feche as bocas nem ofusque os olhos.

EGLÊ MEDEIROS
Professora e editora de "Ficção"

Luvin O globo
3/4/77

05

Ninguém resiste aos binóculos das irmãs Pilar

Josué Guimarães
OS TAMBORES SILENCIOSOS
Contos
Editora Globo
214 pgs.
Cr\$ 60

Em Lagoa Branca, um Prefeito se propõe a isolar a cidade do resto do estado do Rio Grande do Sul, do País e do mundo para que a tranquilidade e felicidade locais não sejam perturbadas pelos problemas e idéias mal-sãs que grassam em comunidades menos protegidas pelos deuses. Violação e correspondência, confisco de jornais e livros, recolhimento de rádios e são os meios de que lança mão pra realizar seu intento, medidas que os municípios não aceitam de boa vontade, numa evidente incompreensão dos elevados propósitos do Prefeito.

O livro se inicia na semana que antecede o Dia da Independência e termina no 7 de setembro de 1936. Nesse lapso de tempo ficamos conhecendo a cidadezinha, que vive sob a vigilância do binóculo das sete irmãs Pilar, todas Maria-qualquer-coisa, a quem nada escapa e que não têm ilusões a respeito das virtudes dos mais conspicuos cidadãos. Por mais que faça o Prefeito João Cândido, há sempre alguém desobedecendo, rádios-galenas em mãos de adolescentes atirados, boatos que se alastram, e seus esforços para o preparo de um programa cívico retumbante são muitas vezes desviados para por suas ovelhas no

bom caminho. Claro que conta com áulicos devotados, prontos a adivinhar-lhe os pensamentos, que não titubeiam inclusive em ultrapassar as ordens e em aumentar a violência para atingir os objetivos. E mais, os integralistas da cidadezinha compreendem perfeitamente os ideais de João Cândido e cerram fileiras em torno dele.

A par da vida pública dos personagens há suas vidas particulares, que o binóculo das irmãs Pilar não deixa ser tão particulares assim. E ali justamente é que as empáfias perdem a base: machões impotentes e por isso ainda mais despóticos, cahões submissos às mazelas domésticas, mulheres que traem por desespero e vingança, sempre mais corajosas que seus fracativos parceiros.

Uma sátira com tintas de fantástico, um romance realista sobre uma cidade que não consta do mapa, a leitura do livro prova-nos que somos capazes de vir de nossos pesadelos.

Os personagens traçados de modo rápido, com tintas fortes, adquirem uma coerência interior e uma riqueza que os afasta da caricatura. Se têm traços visíveis são os que lhes dá a submissão ao que há de retrógrado e hipócrita em seu meio ou vêm de sua postura de desrespeito ao próximo e aos direitos alheios.

Um grande contador de histórias, Josué Guimarães, o que afinal já demonstrara em seus livros anteriores, em especial nos dois volumes já publicados da trilogia "A ferro e fogo". Há aqui um estreito ponto de contacto entre ele e Erico Verissimo, parentesco que o autor

reconhece e de que se orgulha. E isso de "contador de histórias" é um elogio, pois saber contá-las é saber chegar a seus contemporâneos, manter contacto com eles, romper os silêncios, e fazê-los refletir sobre os fatos e as gentes. E quando o contador, usando a palavra com mestria e denodo, mostrando-nos um mundo de início fechado, faz com que advinhemos a réstia de luz que se insinua, nós passamos a incluí-lo no seletto grupo dos que, escritores, são peleadores.

Numa linguagem clara e saborosa, em que os gauchismos entram naturalmente sem regionalismos obsoletos, as artes do escritor estão presentes no romance, mas não tomam o primeiro plano. Não há necessidade de "se mostração", a força do que é dito e criado se impõe por meio da palavra, mas transcende a palavra. O microcosmo de Lagoa Branca tem vida e leis próprias, é tão vivido que por vezes temos a impressão de que o autor viu-se um pouco como um cavaleiro em cavalo desembestado, teve de puxar-lhe firme as rédeas para que a montaria chegasse sem tropeços a cancha.

"Os tambores silenciosos" conquistou o 1º Prêmio Erico Verissimo de Romance 1975. A comissão, ao escolher esse livro, que é de valor literário indiscutível, prestou também uma homenagem àquele que até o fim acendeu uma vela na escuridão. Temos certeza de que o público há de reforçar a consagração do prêmio, numa demonstração de que boa literatura é encontro com os leitores não são elementos antagonicos.



EGLÊ MALHEIROS

Josué Guimarães

A irresistível ascensão de um ex-irmão leigo

Manoel Lobato
A VERDADEIRA VIDA DO IRMÃO
LEOVIGILDO
Romance
Interlivros
120 páginas
Cr\$ 30
Cotação: ★ ★ ★ ★

Múltiplas vidas numa ratoeira, gente a se debater à procura de amor e de uma razão para existir, que em certas circunstâncias denominam Deus, gente fugindo à penúria e à fome, tudo valendo nessa fuga. O grande jogo de empurra, a comédia da rapinagem rasteira feita pelos que não pressentem nem explicam a rapina dos abutres.

Tudo isso nos é contado pela voz de Leovigildo, ex-irmão leigo num convento, que foi ancorar na rodoviária de Belo Horizonte em seu afã de subir na vida, afirmar-se como indivíduo. O convento era a oportunidade que tinha o matuto de estudar, mas as exigências da carne lhe pregam uma peça e, qual novo Adão, ele é expulso do paraíso para suar seu pão de cada dia. A pensão que o acolhe torna-se o centro de sua ascensão: de hóspede a empregado, de empregado a patrão, de hoteleiro a dono de bordel, essa a trajetória do ex-irmão leigo. Numa esperteza que não exclui boa dose de ingenuidade, vai cursando a cidade, descobre quem pode explorar, a quem se submeter, a usar manha com mulheres, enquanto adquire um verniz de cultura, esses conhecimentos superficiais que não têm como se transformar em instrumentos de pesquisa e contestação.

Manoel Lobato nos toma pela mão e, numa fala mansa de quem só quer nos levar até a esquina, faz com que mergulhemos num universo denso, trágico, e, o que é pior, corriqueiro e banal.

É um quadro cheio de minúcias e contradições, porém como que um es-

tudo em cinza, nada de mais gritante; afinal essas pessoas, quando gritam, têm suas vozes abafadas.

Ao mundo dos seres construídos com a força das palavras pertencem agora sem dúvida o irmão Leovigildo, o pintor de paredes Kim, a patética Luzia, e, acima de todos, a irmã Antônia. Essa personagem dá bem a medida da maestria de Manoel Lobato: ela é modesta, parva, feia, manca, morre no início do romance, mas sua figura terna e desamparada impregna todo o livro. Se o autor muitas vezes é sarcástico, quase cruel no tratamento de seus personagens, pondo a nu a nenhuma grandeza de suas vidas entregues, sem consciência, à acumulação, pecinhas da grande engrenagem, mas nem por isso menos necessárias, reserva para Antônia e para o garoto do final do livro toda a ternura. Faz com que nos sintamos irmãos desses "pequenininhos", sem sentimentalismo e sem pieguice, algo semelhante ao feticço de Chaplin e do Fellini de "A estrada" e "Noites de Cábria".

Em diálogos curtos e bem entrosados, captando o ambiente e o clima, e com uma descrição econômica, o autor cria situações e deixa que o leitor apreenda todos os matizes, os vários níveis da narrativa (que em geral decorre na superfície pela ótica, da ideologia assumida pelo personagem, havendo no subsolo como um contraponto crítico e um alargamento de campo de visão). Assim, somos levados a rir de coisas que mais adiante, numa espécie de realimentação cognitiva, nos deixarão comovidos, ou embarcaremos na comoção fácil que dois passos depois consideraremos com ironia ou rejeição. Um romance que nos faz refletir, pois trata de gente como nós, a menos que uma visão mais nítida da engrenagem seja suficiente como característica distintiva.

EGLÊ MALHEIROS,
Professora, tradutora
e editora da revista "Ficção".

"Livros" - O Globo - 31/10/76

Supl. Lit. Mundas Juvas - 8/1/77

A IRRESISTÍVEL ASCENSÃO DE UM EX-IRMÃO LEIGO

07

Eglê Malheiros

Mundas vidas numa ratiocira, gente a se debater à procura de amor e de uma razão para existir, que em certas circunstâncias denominam Deus, gente fugindo a penúria e a fome, tudo valendo nessa luta. O grande jogo de empurra, a comédia da rapinagem, rasteira feita pelos que não pressentem nem expõem a rapana dos abutres.

Tudo isso nos é contado pela voz de Leovegildo, ex-irmão leigo num convento, que foi ancorar na rodovia de Belo Horizonte em seu afã de subir na vida, afirmar-se como indivíduo. O convento era a oportunidade que tinha o matuto de estudar, mas as exigências da carne lhe pregam uma peça e, qual novo Adão, ele é expulso do paraíso para suar seu pão de cada dia. A pensão que o acolhe torna-se o centro de sua ascensão: de hóspede a empregado, de empregado a patrão, de hoteleiro a dono de bordel, essa a trajetória do ex-irmão leigo. Numa espartezza que não exclui boas doses de ingenuidade, vai cursando a cidade, descobre quem pode explorar, a quem se submeter, a usar manha com mulheres, enquanto adquire um verniz de cultura, esses conhecimentos superficiais que não têm como se transformar em instrumentos de pesquisas e contestação.

Manoel Lobato nos toma pela mão e, numa fala mansa de quem só quer nos levar até a esquina, faz com que mergulhemos num universo denso, trágico, e, o que é pior, corriqueiro e banal.

É um quadro cheio de nuances, e contradições, porém como que um estudo em cinza, nada de mais gritante; afinal essas pessoas, quando gritam, têm suas vozes abafadas.

Ao mundo dos seres construídos com a força das palavras pertencem agora sem

dúvida o irmão Leovegildo, o pintor de paredes Kim, a paletica Luzia, e, acima de todos, a irmã Antônia. Essa personagem dá bem a medida da maestria de Manoel Lobato; ela é modesta, parva, feia, manca, morre no início do romance, mas sua figura terna e desamparada impregna todo o livro. Se o autor muitas vezes é sarcástico, quase cruel no tratamento de seus personagens, pondo a nu a nenhuma grandeza de suas vidas entregues, sem consciência, a acumulação, picuinhas de grande engrenagem, mas nem por isso menos necessárias, reserva para Antônia e para o garoto do final do livro toda a ternura. Faz com que nos sintamos irmãos desses "pequenininhos", sem sentimentalismo e sem piçunice, algo semelhante ao feitiço de Chaplin e do Fellini de "A estrada" e "Noites de Cabiria".

Em diálogos curtos e bem entrosados, caplando o ambiente e o clima, e com uma descrição econômica, o autor cria situações e deixa que o leitor aprenda todos os matices, os vários níveis da narrativa (que em geral decorre na superfície pela ótica da ideologia assumida pelo personagem, havendo no subsolo como um contraponto crítico e um alargamento de campo de visão). Assim somos levados a rir de coisas que mais adiante, numa espécie de realimentação cognitiva, nos deixarão comovidos, ou embarearemos na comição fácil que dois passos depois consideraremos com ironia ou rejeição. Um romance que nos faz refletir, pois trata de gente como nós, a menos que uma visão mais nítida da engrenagem seja suficiente como característica distintiva.

A verdadeira vida do Irmão Leovegildo, romance, MANOEL LOBATO, Interlivros, B. Itc., 120 págs., Crs 30,00.

Uma escritora de talento à espera de um editor

Livros
Oglobo
23/5/76

Maria José Limeira
OLHO NO VIDRO
Novelas
Editora O Norte
120 páginas
Cotação: ★ ★ ★ ★

São duas novelas que nos chegam numa brochura em papel de jornal, um trabalho gráfico desolador, desde a composição até a impressão. As ilustrações de Raul Corudia Filho, boas porém mal aproveitadas, não conseguem salvar o objeto livro.

No entanto, aquilo que Maria José Limeira escreve, vence todas estas barreiras, e em pouco tempo esquecemos as condições materiais em que nos chega o texto para mergulhar por completo em seu angustiante universo.

A primeira novela "Salomão, meu cão" fala do menino Salomão insulado em sua obesidade e em seu quarto fechado, onde sofre o bombardeio dos meios de comunicação, mas cujo único convívio é com seu cão, do mesmo nome. A mãe é uma sombra e uma impossibilidade. O pai uma ausência.

O texto oscila entre a primeira pessoa e a terceira, mas brota todo de dentro da criança rejeitada. Rejeição que não permite a Salomão se assumir, crescer, e ele sempre criança a buscar a aceitação da mãe, nela fixado. O cão também é gordo, enorme, mas o menino o aceita, numa lição de carinho e humanidade. A mulher plasmou o filho na proveta dos sonhos e das

pre-determinações, filho-objeto, não correspondendo ele ao que ela almejava ou precisa para alimentar o ego, colocou-o no nicho de sua reprovação. Um dia o menino constata: Eu sempre estive interiormente doente, sem proteção, sem o gesto que anima."

A novela incorpora elementos de ficção-científica, decorrendo num futuro indeterminado, que de início parecem deslocados. Depois os compreendemos como recurso para reforçar a tônica no relacionamento básico e primitivo mãe-filho, que nenhuma tecnologia anulará. Estamos de fato diante de uma fábula sobre maternidade e filiação.

A segunda novela, "Olho no vidro" é a que dá título ao livro, e está datada de 1967.

Agora é Ana Rosa que se nos revela da infância à velhice, inestuosamente presa a um pai por demais presente e dominador, mesmo depois de morto. Como professora, vai reconstruir o arbítrio paterno, em mórbida homenagem. Ela mesma constata: "E quando digo — Joãozinho um garoto empalidece e se ergue como um assassino no tribunal das grandes contas". Ana Rosa menina se coloca de tocaia em relação aos adultos, adulta oscila entre a tirania e a demência; que jamais aflore a ternura. Ela, que só conseguiu perceber olhos duros, mesmo na boneca, se fez de olhos duros, mas não para olhar para dentro de si.

Em ambas as novelas a A. utiliza o fluxo de consciência, a narrativa é coleante e labiríntica, as palavras repetidas, mudadas de contexto, como para que nos apercebamos de toda a carga semântica que têm. E com isso ficamos imersos num mundo denso, em que as barreiras pessoais são intransponíveis, em que tudo respira um ar abafado e carregado de emoções não liberadas.

É tempo de nossos editores se lembrarem dessa escritora que estreou em 1964 com "Margem" (contos — Ed. Caravela) e que em 1965 publicou "Aldeia virgem, além" (contos — Ed. Caravela). Pelo livro que nos chegou às mãos ficamos sabendo que ela tem inéditos uma novela e um romance. Será que ninguém se anima? Ou terá que ser primeiro editada "nas estranhas" para adquirir foros de cidadania?

09
Livros - O globo 23/1/77

Um contista de pulso que fustiga os costumes

Nagib Jorge Neto
AS TRÊS PRINCESAS PERDERAM
O ENCONTRO NA BOCA DA NOITE
Contos
Editora Folhetim
161 páginas
Cr\$ 45

Destes 14 contos, o autor usa com maestria seus recursos, mas se recusa aos jogos florais, "um luxo numa humanidade que tem graves questões para debater, para decidir", segundo suas próprias palavras.

O livro de estréia de Nagib Jorge Neto, "O presidente de esporas", já revelava o contista de pulso, mas infelizmente, por falta de distribuição, a obra ficou restrita ao Nordeste. Agora, confirma e amplia suas possibilidades.

Em alguns contos, como no que dá título ao volume, faz um cordel ao avesso, usando a musicalidade e a lírica da poesia cabocla, mas pondo a nu a ideologia da dominação que se insere na fala dos dominados: é uma paráfrase satírica de quem sabe que há em nós uma convivência só neutralizada a duras penas. Em outras histórias sua linguagem atinge quase o deboche, forma de fustigar os costumes.

"O erro de Deus e as pragas do Diabo" recria, num texto contido, que foge ao panfletário e ao demagógico, a longa e ingrata batalha dos que não

têm terra ou são donos de pouca para fazerem valer seus direitos.

É um vasto universo o que Nagib Jorge Neto faz desfilar ante nossos olhos, penetrar em nossas consciências, tocar nossas sensibilidades. Em "Tempo de céu baixo" (já publicado na revista "Ficção"), ele nos leva àqueles dias em que os horizontes se fecham, as lealdades se tornam raras e a fraternidade escasseia; em que mais do que um abrigo e uma segurança se busca uma certeza e um raio de sol. Em outras narrativas são as cidades do interior, seus habitantes num existir organizado, segundo uma lógica interna em que as investidas vindas da "cidade" só fazem trazer confusão e angústia, já que sempre representam mais um passo para a ampliação do domínio.

São todas histórias escritas por quem sabe narrar, mas que considera uma função da arte criar desassossego, ver mais ou de um ângulo novo, alguém que, como Martin Fierro, "canta opinando". Não há dúvida de que Nagib Jorge Neto, esse maranhense naturalizado pernambucano, chegou em nossa província literária para ficar.

O volume integra a coleção "Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto", da Editora Folhetim, com ilustrações de diversos artistas do Nordeste, sendo de destacar as xilogravuras de J. Borges e o desenho de Daniel Santiago.

EGLÊ MALHEIROS

...ciência que remeta o grupo ao futuro, e o livre dos sentimentos de ódio, destrutividade e desespero do aqui e agora.

PAULO STERNICK

Psicólogo clínico. Jornalista.

2/5/76 - 6 Globo
Um livro póstumo

à procura de seus leitores

Léo Vitor

E AGORA, JOSÉ?

JOSÉ, E AGORA?

Romance

Gráfica Editora Aurora

207 páginas

Cotação: ★ ★ ★ ★

Este romance, menção-honrosa do Walmap-1973, é edição póstuma. Léo Vitor, que disse uma vez: "Não procuro mercado para meus textos e sim leitores", não viveu para sentir o quanto tocou fundo e inquietou seus leitores.

Ao escrever o livro, o autor nos transmite uma experiência de vida, com espantos e deslumbramentos, poucos momentos de plenitude e muitas horas de sofrimento.

Dividido em três tempos, o romance vai da indagação e descoberta (infância), passando pela insatisfação e desespero (juventude e doença) até a revolta e exaustão (maturidade). Na primeira parte, José, menino ultra-sensível, conhece Inge, mulher estranha e magnífica, e também a força destrutiva do preconceito mesquinho. Os olhos infantis de José são testemunhas do processo de rejeição que sofre a mulher por parte de uma cidade provinciana. Para as pequenas-burguesas teuto-brasileiras, a vitalidade e a independência da personagem são uma afronta, até uma ameaça. Inge é também a sensualidade sem pecado, o amor com dignidade e alegria, o oposto das conversas sujas dos lanches semanais das damas pudicas. A deslealdade dos adultos é vivida por José na solidão, como na solidão são vividos a dor e a saudade, pois cedo lhe inculcam a lição de que "homem não chora". Por mais doída que seja a experiência, ela é enriquecedora.

Vamos depois encontrar José adolescente, na cidade grande, enfrentando a doença que é a injustiça de uma limitação. Ele volta à cidade da infância, em busca da vitalidade e da esperança, para chorar no ombro da velha ama.

A última parte do livro, que se equipara em riqueza e densidade à primeira, é toda escrita num tom exacerbado, denso, irrespirável. O ambiente agora é o da metrópole, em que formas novas de convivência se misturam com as tradicionais, num equilíbrio instável e neurotante. São criaturas se estendendo as mãos com os pés em areias movediças, pessoas que supervalorizam o intelecto para logo descobrirem que têm vísceras e nervos. Prisioneiro de seu corpo doente, José em revolta, não se aceitando, não consegue viver o amor de Lúcia. E nós o deixamos imerso em desalento.

São páginas de um escritor cuja vida (Florianópolis 1926-Rio, 1974) foi uma luta contínua por condições de saúde que lhe permitissem produzir. Autor de peças de teatro e livros infantis (imaginativos, alegres, abertos), escreveu dois romances anteriores a este: "O círculo de giz" e "Réquiem para Abel".

Sua literatura é inquieta, perquiridora, densa de emoção, numa linguagem despojada, sem brilhos evidentes, recurso voluntário de quem se inquieta com a forma e com a marcenaria do escrever, vendo justamente nela um meio e não um fim.

Ao fecharmos o livro, talvez não tenhamos encontrado resposta, mas aumentamos nossa capacidade de indagar e de compreender.

EGLÊ MALHEIROS

Professora, tradutora, editora

Um bandido romântico e pré-industrial

Maurice Lèblanc

A AGULHA OCA

Editora Nova Fronteira

106 páginas

Cr\$ 45,00

Cotação: ★ ★ ★

11
Livros
O GLOBO 9
Domingo, 6.6.1976

Um gênero de limites oscilantes

Dilza Pinho Nilo
JEITO DE AMAR
Crônicas
Editora Artenova
126 páginas
Cr\$ 30,00
Cotação: ★ ★

A crônica é um gênero literário de fronteiras indefinidas e fluidas. Os outros gêneros também, hão de argumentar. Sem dúvida, porém esse mais ainda. Claro que a definição do gênero é simples ferramenta de trabalho na apreciação de uma obra literária, um recurso metodológico. Há livros que cabem perfeitos no molde e não têm valor e há os que criam seus próprios moldes.

Mas voltando à crônica. Ela foi no passado o assentamento escrito dos acontecimentos, o relato do que se passou para que a memória não se perdesse. Depois, na página dos jornais, constituiu-se no comentário leve, irônico ou jocoso, sério ou dramático, da vida do dia-a-dia. Exemplo disso são as crônicas de França Jr. Alguns escritores de maior fôlego, tendo de freqüentar por dever de ofício as colunas periódicas, criaram a crônica atual, "sui-generis" e pouco comum em outras terras, que embora incidental, tem tratamento artístico e resiste ao tempo. E aí nos ocorrem, com prováveis omissões, os nomes de Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Carlos Drummond de Andrade. Este último maneja a língua com tal maestria, e tem o coração e o cérebro tão ligados a nosso humano viver, que seus trabalhos fogem à catalogação, cumprindo o escritor a árdua tarefa de ser testemunha do seu tempo.

Justamente por seus limites oscilantes, passou-se a rotular de crônica toda e qualquer obra escrita que fale de coisas e pessoas sem dizer bem porquê, as divagações, os pensamentos, os devaneios. A atitude daquele poeta lírico: "Choro, enxugo os olhos e mostro o lenço" foi adotada por muitos cronistas. Infelizmente, não basta sinceridade para escrever um texto literário, lembremos Fernando Pessoa: "O poeta é um fingidor..."

As crônicas de Dilza Pinho Nilo estão no caso. Trata-se, sem dúvida, de uma pessoa sensível, apegada aos livros, dedicada aos familiares, olhando um pouco o que se passa ao seu redor.

Assim sendo, quando os inúmeros afazeres e quefazeres lhe dão um tempinho, senta-se e extravasa suas emoções. Tendo porém o trato com literatura, não se limita a ser simples, direta. Recorre a frases de efeito, imagens, entra nessa selva perigosa para nós brasileiros (embora tão sem mistérios para os portugueses de qualquer nível de instrução) que são os pronomes oblíquos. E o resultado é insatisfatório.

O mundo, para Dilza Pinho Nilo, não vale seu lar. Ela vê ou pressente certas coisas fora de seu círculo, lamenta, tem dó, mas de longe, tal como constata em tom de excusa numa crônica. Alguns escritos são contos não assumidos, outros crônicas de viagens. A maioria divagações líricas.

Que tal se A., que cita Cecilia Meireles, Antônio Carlos Villaça e tantos outros, se conscientizasse de que a aparente "facilidade" da literatura dessa turma é o resultado de muito trabalho para vencer a dificuldade do artesanato literário?

À autora de "Jeito de amar" não faltam uns tantos por cento de inspiração, mas quanto à transpiração...

AGLÊ MALHEIROS
Professora

12

Uma população risível

e patética

Livros - O Globo

9/11/77

Ary Quintella
UM CERTO SENHOR TRANQUILO
Contos
Editora Comunicação
96 páginas
Cr\$ 14

São 13 histórias escritas numa linguagem ágil e depurada que vão do instantâneo ao aprofundamento do drama humano. Entenda-se por "depurada" não o uso do complicado e do pernóstico, mas justamente o oposto, a palavra escolhida para dizer o necessário, sem pobreza e sem excessos. Há cuidado de trabalhar a língua para que ela revele as coisas, possibilite o sentir de minúcias muitas vezes escamoteadas, jamais com o objetivo de jogar fumaça nos olhos do leitor, atoardar.

A matéria-prima principal é esse espécime tão "sui-generis" da raça humana: o carioca, não apenas os nascidos no Rio, mas também os que vieram parar no Rio, mais especialmente nas praias do Zona Sul, uma população risível e patética, que faz do esnobismo a última couraça. Pessoas como as do conto "Blutwurst mit Sauerkraut", tão realizado e denso.

Algumas histórias são perpassadas por uma espécie de ufanismo depravado, uma forma sarcástica de afirmação dessa terra que afinal de contas é nossa. Numa delas, "O gato preto", o autor se nos revela plenamente capaz de lidar com o humor, capacidade um tanto rara entre nós.

Uma das funções da arte por certo é nos fazer ver com outros olhos o mundo que nos rodeia e a nós mesmos. Outros olhos que nos descerrem aspectos e interrelações despercebidos e inusitados. Os contos de Ary Quintella fazem isso. Põem em funcionamento emoções e raciocínios que vão depois muito além do que foi efetivamente narrado. Em certos momentos ele mesmo declara a estranheza, o engano da aparência, como em "Um certo senhor tranquilo", que dá título ao livro.

O conto que abre o volume, "Mas abanaram a cabeça", é novo, embora explore um tema sempre retomado por tantos escritores: um filho em presença da morte do pai. Aquele momento inapelável em que se tenta aprofundar um diálogo que, por razões e culpas variadas, mal se gaguejou.

Um livro rico e atual, instigante, que, lançado em 1971, não envelheceu. Só me resta discordar da prefaciadora e da apresentadora, que embora reconheçam e exaltem os méritos da obra, vêem nos personagens gente desenraizada, que poderia ser de qualquer parte. Acho que são muito dessa "muito leal e valerosa cidade", que recebe levadas e levadas de seres no roldão da torrente. Não são toda a humanidade, nem protótipos; gente, como gente é a que ele retrata em "As 23,45 no 434", indicando que seu olhar não é unidirecional. O que afinal é comprovado se lermos seus outros livros "Combati o bom combate" (romance, 1971) e "Qualquer coisa é a mesma coisa" (contos, 1975).

EGLÊ MALHEIROS

13



SNEL
Sindicato Nacional dos Editores de Livros

SUMÁRIO

	Pág.
VIII Encontro de Editores e Livreiros	2
O Brasil na Feira de Frankfurt — Mário Fittipaldi	3
Incentivo fiscal à exportação de livros — José Luiz Santiago Ambrózio	3
Quarenta anos de livro político espanhol	3
Diretor do CERLAL visita o Brasil	4
Guia das Livrarias	4
Problemas da tradução no livro infantil — <u>Eglê Malheiros</u>	4
O mercado do livro juvenil na França	5
Livros no prelo	6

1979: ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

A imprensa, que já na época em que Franco era vivo, desenvolveu esforços notáveis e dolorosos para romper os moldes rigorosíssimos que cerceavam seus movimentos, converteu-se numa espécie de potro selvagem que acaba de recobrar a liberdade.

Porém, o jornalista não é apenas um anotador. As vezes, torna-se mais conforme com a análise dos fatos e se converte em historiador. Temos muitos exemplos disto. Durante quarenta anos escritores — jornalistas ou não, mas fundamentalmente jornalistas — foram escrevendo a história com mais calma. Alguns dos capítulos desta história foram aparecendo na imprensa de consumo: são os capítulos mais vulgares, os que carecem de análise, simplesmente porque era impossível remontar-se à causa que originava os fatos e, às vezes, inclusive, narrar sua versão mais exata.

Outros capítulos, ao contrário, foram dedicados precisamente à análise da situação. São em menor número: nosso regime nunca permitiu um estudo profundo de suas próprias entranhas doutrinárias e ideológicas, com visão crítica de causas e efeitos. O ensaio político apenas teve valor rigoroso na Espanha durante a época de Franco porque, além de ser difícil em sua elaboração — frequentemente por falta de dados verossímeis de que partir —, sua publicação envolvia um risco quando não coincidia com as versões mais ou menos oficiais e com a tese dos muitos catecismos políticos do regime.

Porém, se me permitem, deixemos a periferia do tema para entrar de cheio em sua consideração. Um tema que está pedindo uma pesquisa mais profunda pelo interesse objetivo que encerra. O livro político — e não faço senão constatar um fato —, que

durante o antigo regime — pelo menos até seus últimos anos —, de uma maneira clara, não teve possibilidades em nosso país, surgiu agora com força e está a ponto de se constituir em um dos elementos mais sólidos de análise de toda uma época importante na história da Espanha. No entanto, quase como um resgate nervoso do passado que se perde um pouco nas primeiras brumas de um regime que durou muitos anos, o processo é às vezes rápido demais; porém, hoje, pode-se dizer que o livro político já tem na Espanha um curso normal de edição e que seu êxito é independente dos fatores externos que o acompanham. Será por seu conteúdo objetivo, por sua qualidade formal, por seus dados de pura objetividade e não conjunturais, que ele se promoverá. Neste campo, podemos dizer que entramos na normalidade, parte desta outra que é a aspiração de todos e que afeta não somente o presente, mas também o futuro da Espanha.

Porém, o livro político teve na Espanha dos últimos quarenta anos uma história difícil. Durante mais de um quarto de século — de 1939 a 1957, para estabelecer um limite temporal — e em razão da própria natureza do regime espanhol — deixando à margem qualquer outra crítica concreta que sem dúvida, não me diz respeito —, o livro político teve na Espanha o caráter de "avis rara" teórica, com um vão exemplarmente ideológico, quando não laudatório, totalmente alheio à realidade do país.

Uma realidade, por outra parte, que se estava fazendo plural no pensamento e, portanto, "heterodoxa". A explicação teria que ser buscada no confinamento do regime dentro do seu próprio círculo doutrinário — hierarquia e "pontificado", mimetismo claro apreendido da igreja tradicional — que não admitia nenhum tipo de distanciamento. A consequência está ao alcance do observador mais indepen-

dente: gerações inteiras desprovidas de bagagem ideológica, despolitização generalizada, campo aberto a toda "novidade que, em razão da tessitura nacional, podia ser admitida sem análise séria". Em resumo, o país — o país oficial — pendia mais para o desenvolvimento de sua própria doutrina do que para a importação de ideologias nefandas.

Historicamente, esta atitude de quarentena cultural imposta pelo poder coincidiu e veio respaldada por anos de isolamento internacional que serviram para robustecer o monolitismo ideológico e doutrinário do nacional-sindicalismo nascido da configuração das forças vencedoras na guerra civil.

Todo ensaio crítico estava sentenciado em sua própria origem. E não me refiro apenas a ensaios de criação recente, mas também àqueles que apareceram nos anos anteriores à guerra. Assim, Unamuno, Marañón e Ortega foram incluídos no índice do deletério e negativo. Autores tão pouco políticos como o próprio Azorín passaram pelo crivo dos anos, antes de aparecerem nas bibliotecas dos nossos colégios. Publicar na Espanha alguma coisa que não fosse uma peça jocosa, uma comédia de costumes ou desenvolvimento — garantido — da doutrina oficial, equivalia a renegar o patriotismo, com consequências quase sempre graves.

A morte de Franco é, sem dúvida, a modificação mais fundamental da história contemporânea da Espanha. O novo regime, sem renunciar claramente aos entraves legais ainda vigentes da Lei Fraga, rompe na prática este tremendo dique que durante tantos anos impediu a expressão pública no terreno político. E, inicialmente, o próprio personagem que acaba de desaparecer o que centraliza o olhar e a atenção de jornalistas e ensaístas. Biografias de urgência, análises apressadas dos últimos anos do regime, livros e reportagens sobre as circunstâncias da prolongada agonia e da morte de Franco: há como uma corrida contra o relógio que, temos que reconhecer, supõe urgências mais comerciais do que informativas.

A nova realidade, a reforma profunda que o rei anuncia imediatamente, vai apaziguando as águas dos ensaios necrológicos que invadiram os quiosques do país. "Enterremos o passado" parece ser a ordem, porque o futuro se faz presente de forma inquietante. Não se renuncia à história, senão que a história já não pode ser cimentada na anedota que deixou de ser notícia.

E começam a aparecer ensaios, manuais, catecismos voltados para a democracia em direção à qual o país parece encaminhar-se. Surgem, ao mesmo tempo, obras de inegável categoria que abordam, já sem receios, os temas mais importantes dos últimos anos. Quero citar, por exemplo, a história política das duas Espanhas, de José María García Escudero, quatro volumes densos e amenos ao mesmo tempo, dos quais podem ser extraídas uma série de lições de inegável valor. Proliferam, além disso, os ensaios sócio-políticos que brotam das novas liberdades, algumas delas de indubitável interesse. O franquismo é analisado a partir de posturas imparciais muito mais sérias e com projeção didática que não deixa dúvidas. E aqueles homens que, pelas circunstâncias políticas, não puderam dizer toda a verdade de sua própria história e da história da Espanha que viveram e produziram, fazem-no agora, através de uma série de obras que têm tanto de conteúdo histórico como de reivindicação política. É o caso, por exemplo, de José María Gil Robles ou do próprio Dionisio Ridruejo, cuja obra póstuma tem, sem dúvida alguma, esse caráter reivindicatório.

DIRETOR DO CERLAL VISITA O BRASIL

Dando cumprimento a um programa de visitas aos países membros do CERLAL, esteve no Brasil, de 23 a 28 de novembro, o Sr. Carlos Eslava, Diretor daquele organismo, que teve oportunidade de efetuar contatos com o SNEL e autoridades governamentais brasileiras.

O Sr. Carlos Eslava manteve entendimentos com o Diretor do Departamento de Assuntos Culturais e com o Coordenador de Assuntos Internacionais, ambos do MEC, a respeito do funcionamento e da programação do CERLAL.

GUIA DAS LIVRARIAS

A ampla aceitação da 1.^a edição do "Guia das Livrarias e Pontos de Venda de Livros no Brasil", publicado em junho de 1976 e esgotado em poucos meses, justificava plenamente a aparição da 2.^a edição, que o SNEL acaba de lançar.

Com dados atualizados até outubro de 1977, esta edição engloba 22 Estados, 2 Territórios e o Distrito Federal, num total de 302 cidades e 1.648 verbetes.

O "Guia" está sendo distribuído aos associados e encontra-se à venda, ao preço unitário de Cr\$ 100,00, nos seguintes endereços:

Sede do SNEL

Avenida Rio Branco, n.º 37, 15.º andar, salas 1.503/6 e 1.510/12.

Rio de Janeiro — RJ.

Tels: 233-5484 e 233-6481.

Delegacia do SNEL em Brasília

Conjunto Nacional Brasília — SDN — sala 5.066.

Brasília — DF.

Tel.: 224-7342.

Delegacia do SNEL em São Paulo

Rua Antônio de Godoy, n.º 20 — 9.º andar — sala 92.

São Paulo — SP.

Tel.: 34-0476.

PROBLEMAS DA TRADUÇÃO NO LIVRO INFANTIL

A tradução do livro infantil e juvenil apresenta todos os problemas da tradução do livro para adultos, acrescidos de outros, específicos, levando-se em conta o público a que se destina.

Faremos um levantamento rápido dos problemas gerais, para depois abordar os que julgamos específicos.

O fato de sofrermos um processo de colonização cultural, para respaldo e manutenção da colonização econômica, faz com que recebamos com avidez e sem espírito crítico o que nos vem dos grandes centros, muitas vezes desatentos aos princípios que nortearam a exportação. Via de regra somos levados a consumir

subprodutos culturais, que já são ruínas na terra de origem, imagine-se em solo estrangeiro.

Além de não tomarmos conhecimento do que se produz de melhor na área literária dos vários países, por força desse mesmo condicionamento limitamos o intercâmbio quase só a nações que exerçam hegemonia política e econômica.

As exceções, tanto na escolha de bons títulos como no rompimento do círculo restrito, servem para confirmar a regra.

Como a atividade de tradutor no Brasil é considerada um "bico" e não é valorizada (poucos reconhecem no tradutor um criador de texto, apesar dos exemplos flagrantes de destruição de texto) e por consequência em geral mal paga, a qualidade deixa a desejar.

O que se nota de modo gritante é a falta do produto de boa qualidade média: há algumas traduções muito boas, e uma coorte de lastimáveis. Alguns tradutores se dedicam mais do que seria de esperar por amor à obra literária, os outros fazem a corrida contra o relógio, para equilibrar o deve e o haver.

No que tange à literatura infantil e juvenil há desde logo o problema das adaptações. Adapta-se obras clássicas da literatura universal, dirigida a adultos, e entrega-se os restos mortais à garotada. Algumas adaptações já vêm prontas, são apenas aqui traduzidas. Outras são feitas no Brasil, e o Sr. Brown vira Silva, o rio Sena o Tietê, não por imaginação criadora do tradutor, mas por imposição do editor.

Ora, tão mau quanto alimentar a mente infantil com uma dieta predominantemente estrangeira é negar a ela o conhecimento da multiplicidade e variedade do mundo em que vivemos, as várias culturas, as várias paisagens. É um estreitamento de horizontes realmente lastimável e tentativa de mascarar a falta de títulos brasileiros em número suficiente para satisfazer o público e os pré-requisitos de adoção nas escolas.

Outra prática corrente é considerar que livro para neo-leitor é o que tem letras grandes e duas frases por página. Como conseguir isso? Pega-se as histórias de fadas, reduz-se ao tamanho previsto, e pronto. É consenso universal considerar-se essas histórias próprias para crianças um pouco maiores? Não importa, inovemos.

O livro para o neo-leitor é difícil de se fazer, é uma obra-de-arte com regras mais rígidas que o soneto, embora, como o soneto, permita toda a invenção. Que se faz então? Traduz-se adaptando livros encantadores para alargar a experiência de mundo das crianças norte-americanas, inglesas, francesas e alemãs, mas inteiramente distanciadas de nossa realidade, com a agravante de trazer ilustrações que não são de nosso meio.

Ocorre ainda que há um conceito muito estreito do que pode interessar a nossa criança e jovem, os editores em geral se esquecem do universo muito ampliado de informações que eles recebem por outros veículos, em particular a televisão. Informações que não têm nem tempo de processar, de digerir e que justamente a leitura seria uma importante continuação para pôr em ordem a pletora de dados, para ajudar a criar

critérios críticos e analíticos. Vários livros premiados internacionalmente não foram traduzidos sob esta alegação, de não ser de interesse para a criança brasileira. Alega-se também que o tamanho do texto assusta o leitor. Ora, temos bons e maus leitores. Nossa obrigação é incentivar os bons e melhorar os maus, e não condenar à míngua os que são sedentos de leitura.

Se considerarmos, como devemos, as revistas em quadrinhos como parte da literatura infantil e juvenil, e a ela acrescentarmos a literatura massificada de aventuras que se edita entre nós, veremos que a maior parte do que nossas crianças lêem é de procedência estrangeira. Não cabe aqui analisar o produto estrangeiro fabricado no Brasil, que afinal é apenas mais uma face do mesmo problema.

Que não se veja aqui nenhuma condenação ao gênero quadrinhos, pois o Saci Pererê, de Ziraldo, é a melhor argumentação em defesa do mesmo. Mas sim uma constatação de que nossas crianças vêm sofrendo um verdadeiro **dumping** cultural que, no caso, é inseparável do econômico, sentido pela indústria editorial.

Essa produção é quase toda estagnante, não representa estímulo ao desenvolvimento emocional e intelectual do leitor, é a repetição **ad nauseam** de situações e reações estereotipadas que, ainda por cima, pouco ou nada têm a ver com nosso meio.

Frente a todos esses problemas, quais as medidas práticas a serem tomadas pelos editores responsáveis e desejosos de mudar o quadro?

Em primeiro lugar dedicar especial atenção à produção para o neo-leitor, lembrando-se que livro com poucas palavras nem sempre pode ser escrito em pouco tempo, incentivar criação nossa e selecionar com cuidado o que traduzir.

Evitar adaptações e valorizar o trabalho do tradutor, para inclusive poder exigir qualidade.

Procurar se manter atualizado quanto à produção internacional, para trazer o melhor de nossas fontes tradicionais, e ao mesmo tempo alargar o leque de literaturas traduzidas.

Lembrar que a criança e o jovem estão em contínua mutação e muitas vezes nós os subestimamos, deixando de lhes dar livros à altura de sua capacidade de apreensão.

O drama da criança marginalizada em nosso país não vai ser resolvido com a hipotética oferta de livros "traduzidos" em linguagem debilizante ou com a recusa de traduzir qualquer texto considerado mais denso e difícil.

Teremos que dar a essas crianças livros acessíveis que falem de sua vida e de nosso país e que as ajudem a superar as deficiências intelectuais que infelizmente não foram causadas por falta de alfabeto, a menos que consideremos o das vitaminas.

Mas esse é um esforço urgente e necessário a ser feito dentro de uma política cultural atenta aos básicos problemas econômicos e sociais.

O que não se pode permitir é que o atraso que a miséria produz sirva para justificar a infantilização de nosso jovem, mesmo daqueles que tiveram as protei-

nas necessárias para desenvolver seus analisadores cerebrais.

Eglê Malheiros — Diretora Secretária da FNLIJ, tradutora, editora da revista "Ficção".

O MERCADO DO LIVRO JUVENIL NA FRANÇA

O número 17 da "Bibliographie de la France", correspondente ao ano em curso, publica um trabalho interessante sobre a especialização em literatura juvenil, cujas conclusões gerais reproduzimos.

A segunda parte do trabalho é dedicada ao estudo da situação em várias literaturas especializadas

Das estatísticas compiladas pelo Sindicato Nacional dos Editores da França, em 1975, deduz-se que os livros infantis constituem uma parte importante do movimento editorial: 14,7% em número de títulos, 16,7% em número de exemplares, 7,7% em volume de negócios.

Não nos ocuparemos, aqui, da evolução das diferentes categorias de livros juvenis: álbuns, novelas e contos, documentários, etc.

Limitar-nos-emos a ressaltar os traços específicos deste mercado, de maneira a ficarem definidas as cadeias de distribuição correspondentes às diferentes categorias de obras.

Segundo as estatísticas de 1975, a produção do livro juvenil se renova mais lentamente do que a da literatura em geral.

Em 1975, as novidades de literatura geral e juvenil eram respectivamente 53,4 e 32,8%; as reimpressões, portanto, eram de 46,6 e 67,2%, respectivamente.

O tradicionalismo relativo dos produtores obedece a vários fatores importantes:

— O conservadorismo dos compradores

O contato autor-leitor sofre, no caso do livro juvenil, interferência do adulto (pai ou educador), que tem, frequentemente, tendência a escolher segundo as lembranças de suas próprias leituras.

— As condições das editoras.

Os livros infantis são apresentados, em sua quase totalidade, em coleções. Autores e ilustradores estão, pois, submetidos às exigências impostas pela própria noção de coleção, tanto no que se refere ao formato, como no que se relaciona à estética e ao conteúdo.

— As exigências técnicas.

A concepção atual do livro infantil obedece a imperativos contraditórios: um preço que deve ser baixo e grandes exigências quanto à qualidade, ilustrações abundantes, emprego de cores, páginas bem cuidadas.

Estas exigências influem notavelmente na relação tiragem/preço.

No entanto, o livro juvenil, de dez anos para cá, dividiu-se entre uma produção de tipo tradicional e outra de vanguarda, sustentadas pelas novas definições da infância. Estas, com efeito, provocaram uma nova concepção do livro juvenil.

Esta renovação parcial da produção, que responde à demanda de um novo

Moacyr Félix *

A antiga Revista Civilização Brasileira nasceu da necessidade que os escritores e os intelectuais sentiam naquele traumatizado período de um eixo em torno do qual se reunissem em função de uma visão organizada do tempo em que viviam. Cada um na sua especialidade, queria que a interpretação dos vários e diversificados aspectos da vida social pudesse, pelo menos, encaminhar possibilidades de uma visão global ou de uma pergunta pela totalidade, pelo sentido final de todos aqueles acontecimentos culturais e políticos aparentemente desconexos ou separados. Vivo repetindo que o intelectual tem qualquer coisa de religioso, ou seja, é seu o trabalho de religar os fatos que os poderes economicamente dominantes esforçam-se sempre por apresentar como desligados entre si, separados. Descobrir esta relação, isso é pensar. Ou criar, já que o pensamento assim é ação e sempre interfere ou altera a fisionomia humana daquilo que desse modo foi pensado. Iniciada em 1965, a Revista acabou-se em 1968, após haver lançado 22 números. Hoje, a coleção de livros **Encontros com a Civilização Brasileira**, a serem publicados nos meados de cada mês, terá a tiragem inicial de 30 mil exemplares desta vez colocados não somente nas livrarias, mas também em bancas. Seu pensamento básico é o de encarar os fatos não apenas em suas muitas vezes trágicas circunstancialidades de hoje, interpretando-as ou as julgando, como fazem



em nome de "uma volta a um passado" (que assim é falsamente colocado como termo de chegada: acho errado dar a entender que antes de 1964 a sociedade e os homens brasileiros haviam alcançado a sua humanização: não vejo porque falar em termos reais, em redemocratização). O importante é que nesse esforço de todos para a vigência jurídica e constitucional dos direitos humanos, a participação do intelectual valha também, o sobretudo, como base para edificação de valores individuais e coletivos que, filosoficamente, se ofereçam como ponto de apoio de estruturas sociais mais justas e humanas.



Abel Silva *

Anima é uma esporádica. Não é presa a uma idéia de periodicidade jornalística. Sai quando fica pronta, quando o momento é cultural-oportuno. Aliás, eu defini esta situação para um jornalista da *Veja* e le "traduziu" esta idéia de oportunidade com a de oportunismo. São idéias opostas: oportunismo implica em picaretagem o senso do oportuno implica em sensibilidade de ser criador. Há quatro ou cinco anos atrás não existia no Brasil nenhuma revista cultural. Há apenas dois anos apareceram várias. E por que? Porque era perda de tempo lançar uma revista naquela época em que a censura vivia a sua história máxima e as condições gerais das pessoas, que criavam literatura, não permitiam nenhuma idéia de trabalho coletivo. Era um momento de extrema solidão. A primeira *Anima* surgiu da intenção de definir os trabalhos de

uma geração que ama a palavra, e não só a música e o cinema. Depois de muito tempo, voltaram a circular textos de Agripino, Gramiro, Capinan, meus, enfim, pessoas que têm propostas literárias diferentes, mas que viveram momentos existenciais, históricos semelhantes. Nós queríamos fazer um levantamento da emoção, da sensibilidade, do espírito da invenção, isto é, da "ânima" de nossa geração. Desde o princípio nós evitamos pensar em qualquer idéia de periodicidade. O primeiro número diz que a revista seria bimensal por uma simples e desculpável malandragem — é que as gráficas diminuíam o orçamento em mais de 30% se ela fosse periódica... mas, revista de poeta que se preze sai quando pode. Isto desde a revista de Fernando Pessoa e Sá Carneiro, desde sempre. *Anima* saiu com 5 mil exemplares cada número, e as edições foram pagas com shows e venda-gem avulsa. A distribuição era feita em bancas, universidades e teatro.

Como distribuimos a revista? Bem, isso é uma estória compli-

cada... A maioria das distribuidoras exigiu um mínimo de 20 mil exemplares, mas existem algumas acessíveis, com menos fatura de lucro. *Anima* teve a sorte de encontrar uma destas pela frente. Mas, eu posso dizer que a distribuição é um tipo eficientíssimo de censura. Ela exige um certo nível econômico das publicações, que as revistas literárias não têm. Afinal, estas publicações quase não mostram mulher pelada. Nós jamais quisemos transar publicidade. Não temos contatos, nem queremos ter. Acho que cada um que se propuser a fazer uma revista literária deve colocar a própria solução das dificuldades objetivas como um desafio de criação.

Mesmo assim, o número 1 esgotou-se total. É uma raridade. O segundo tem um enalhe de uns 300 exemplares, que pretendo redistribuir por aí, quando sair o número 3.

Aliás, o próximo está nas bancas. Aguardem.

* Editor

Nilto Maciel

O SACO não surgiu do nada. Nasceu a partir de uma necessidade nossa e do leitor.

Pois no Ceará ou, mais precisamente, em Fortaleza, onde rememoramos a Padaria Espiritual, a Academia Francesa, o Grupo Clá, e a presença de Alencar, Domingos Olímpio, Oliveira Paiva, Capistrano de Abreu, Juarez Barroso e outros bichos maravilhosos, eram muitos os romances, os contos, os poemas, os ensaios engavetados no ano de 1975. E era grande a ânsia de publicá-los. Assim, surgiu O SACO, fruto de uma necessidade, que produziu um vontade. Como se sabe, o Ceará é um dos estados mais pobres da região e integra um dos países mais pobres do mundo. Por isso, o mais difícil do SACO foi o parto e a infância. Nasceu às custas de pau e ferro. E a infância nem chegou a ser completa. O SACO morreu ainda menino.

A nossa equipe era formada de um estudante, de um livreiro, de um médico recém-formado e de um redator publicitário. Sabíamos que sem publicidade a revista não sobreviveria. E nunca conseguimos anunciantes com caráter-gente. No primeiro número, fizemos uma distribuição precária. Houve enalhe. A partir do segundo, conseguimos chegar às bancas das principais cidades do País. Mas como, se a tiragem era apenas de seis mil exemplares? Eis aí a razão principal do encerramento. Revista literária não pode ser distribuída nacionalmente. Toda tentativa será em vão. Devíamos ter concentrado nossas atividades no Ceará ou mesmo no Nordeste. Tentar vender literatura nordestina (falo de autor e editor) no eixo Rio-São Paulo é querer vender geladeira nos pólos.

E a linha editorial? Decidimos, no início, que O SACO seria uma revista democrática. Publicaríamos até um fascista se sua obra fosse literariamente boa. Fizemos isso. Então, éramos realmente um "saco de gatos". Sim, as brigas foram muitas. Alguns escritores da terra, chegaram a fazer uma análise aliás uma péssima análise, do que tínhamos publicado e concluíram que O SACO era alienado e alienante. Na época ficamos enfurecidos com o insulto. Realmente O SACO era uma miscelânea. Publicamos até Cortazar...

O SACO, foi uma revista que fez o que pôde e que morreu criança. Apesar de tudo.

(*) UM DOS EDITORES

Charles Peixoto *

O Almanaque não é diarique. É uma produção da Naveg Cigana e, nasceu de um grupo de poetas, fotógrafos, desenhistas, sambistas, passistas, decoladores e população em geral. Sua execução foi possível através de alguns anúncios colocados nas contrapapas e mais um sistema de cooperativas. Seu primeiro número, lançado a 11 de janeiro de 1976, no agora chamuscado Museu de Arte Moderna, num acontecimento denominado Artimanhas, que reuniu diversos artistas de diferentes setores que (desculpe a comparação) incendiaram o local. De 1975 a 1977, a Naveg Cigana produziu e lançou oito livros: *Canção de Búzios*, de Ronaldo Santos; *Creme de Lua*, de Charles; *Hotel de Deus*, de Guilherme Mandaro; *América*, de Chacal; *Perpétuo Socorro*, de Charles; *Vau e Talvegue*, de Ronaldo Santos; *Quampérios*, de Chagal e *Rapto da Vida*, de Bernardo Vilhena. Lançou ainda dois calendários e os dois Almanques vitais de 76 e 77, com tiragens que variavam de 3 mil, os almanques de 500 a 1.000, os livros.

As dificuldades, super-reconhecidas do Nosso torrão, ou sejam, falta de instrução e muita falta de intuição somada à falta de interesse em divulgar e distribuir esse tipo de jogada. Tudo isto nos jogou para o alto, pelo menos momentaneamente, o que impediu a edição da revista este ano. Mas a nossa cocela não parou por aqui, podem estar certos. Quem estiver interessado, toda a nossa produção, a não ser os esgotados, é claro, pode ser encontrada nas livrarias Muro e Francisco Alves, em Ipanema, e, também, na Leonardo da Vinci, no centro da cidade.

A Naveg Cigana recebe sugestões, informações e partos artísticos no seguinte endereço: Rua Monte Alegre, 395-A — Santa Teresça — RJ, além dos endereços de correspondência publicados nos Almanques.

Em breve, lançaremos no show intitulado **CONTATOS IMEDIATOS DO TERCEIRO MUNDO**, três livros novos do nosso cast poético **MAIS LEVE QUE O AR**, de Ronaldo Santos; **ATUALIDADES ATLANTICAS**, de Bernardo Vilhena e finalmente, **CORACAO DE CAVALO**, de Charles Peixoto esse que vos fala.

Procurem saber. Não parem de agitar. Viva o Flamengo e até a próxima.

* EDITOR.

Crisis: origem, apogeu e queda

Décio Drummond

Eduardo Galeano nasceu em Montevideu, em setembro de 1940. Seu nome completo é Eduardo María Hughes Galeano. Fez de tudo: foi mensageiro, empregado numa fábrica de inseticidas, cobrador, taquígrafo, desenhista e diagramador. Quando começou no jornalismo, aos 14 anos de idade, publicava caricaturas de políticos, assinando Gius. Algum tempo depois, passou a escrever artigos, com o nome Galeano, como ficou conhecido. Ainda em Montevideu, dirigiu o jornal *Marcha*, que, fundado em 1939, foi fechado pela censura uruguaia em 1973. Exilado, Galeano foi para a Argentina, onde, em Buenos Aires, fundou a revista *Crisis*, que foi a revista cultural de maior circulação e de maior venda da história da língua espanhola, chegando a uma tiragem de trinta e cinco mil exemplares, o que, para uma revista cultural, é verdadei-

ramente milagroso, mas que tem uma explicação: *Crisis* tinha o objetivo de chegar a um público que não podia comprar revista cara, mas um público ávido de informação. *Crisis* era, ao mesmo tempo, uma revista cultural, de questionamento e de conscientização, mas redigida em linguagem fácil e acessível ao homem do povo. Mais da metade de suas matérias não provinha da cultura oficial e consagrada, mas sim da cultura popular. As portas da revista estavam sempre abertas a quem tivesse algo novo para dizer e quisesse colaborar. Esse foi o motivo do estrondoso sucesso de *Crisis*, mas, conseqüentemente, foi também a razão de seu fechamento pela censura argentina pouco mais de dois anos após sua fundação.

Crisis era uma revista de aspecto gráfico simples, feita com papel barato e vendida a um preço baixo. Seu conteúdo, porém, transformou-a numa das publicações feitas difundidas na América Latina, apesar de ter tido existência tão efêmera.

No início do ano de 1977, Eduardo Galeano deixou a Argentina, tendo ido para a Espanha, onde se encontra exilado até hoje, com passaporte cassado e impossibilitado de viajar.

El Cuento: garra e imagiçión

Eglê Malheiros

A luta do escritor Edmundo Valadés para manter sua revista *El Cuento* pode ser comprovada por estes dados: apenas 80 números em 13 anos de vida.

Muito embora as dificuldades e a circulação incerta, ela se constituiu num elo importante entre os escritores, revelando-os uns aos outros e ao público leitor de seus países.

Mas se a periodicidade não pode ser mantida, os resultados, à exemplo do que ocorre com publicações semelhantes em outros países, são os mais auspiciosos.

Fundada no México, tendo como um de seus conselheiros Juan Rulfo, mantendo-se graças à garra de Valadés, *El Cuento*, que tem como subtítulo "revista de imagi-nación" publica autores mexicanos, hispanoamericanos e de outras nacionalidades, além de clássicos universais. E nela tanto o autor consagrado como o jovem iniciante têm vez.



CIRANDA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SC
Ano I - Florianópolis - Outubro/81 - n.º 1

15



PAPO DE APRESENTAÇÃO

Nós, da Universidade Federal de Santa Catarina, sempre quisemos nos aproximar de você, criança. Por isso já realizamos tantos programas de extensão (lembra-se da **Recreate?**), já trouxemos grupos de vocês para visitarem nosso campus. Agora pensamos em fazer "algo mais" — como este jornal, por exemplo. CIRANDA nasceu de um grupo de alunos dos Cursos de Letras, Pedagogia, Direito e Jornalismo, de 81-1 e encontrou apoio na Rectoria. CIRANDA pretende ser semestral, apresentando a cada número muita informação, histórias e lazer. Neste número homenageamos um homem que entendeu a criança como ela merece ser entendida. Que escreveu para ela como ela gosta de ler. Este homem foi Monteiro Lobato. E pra início, uma especialista em Literatura Infantil fala sobre ele. Venha cirandar conosco!

UM MUNDO DE SONHO E VERDADE

Um bom livro de histórias, interessante e divertido, é uma alegria para as crianças. Infelizmente nem todos os que nos dão para ler são assim. Os livros aborrecidos são deixados de lado. Os bons são sempre lidos com satisfação. E é por isso que, a cada ano, milhares de crianças brasileiras vão viver no Sítio do Pica Pau Amarelo, um pequeno mundo de sonho e verdade que Monteiro Lobato criou.

Enquanto vão lendo uma após outra as frases que ele escreveu há muito tempo, as histórias brotam novinhas em folha e cada menina ou menino vai travando conhecimento com novos amigos. Amigos que os acompanharão pela vida em fora: Narizinho, Emília, Pedrinho, D. Benta, tia Anastácia, o Visconde de Sabugosa.

No Sítio não há fronteiras entre o mundo objetivo e o "mundo do faz-de-

conta". A menina se casa com o Príncipe Escamado, um burro sabe astronomia e uma boneca é esperta e perguntadeira como ninguém. E até parece invenção: os adultos explicam as coisas e não exigem que as crianças obedeçam sem saber porque.

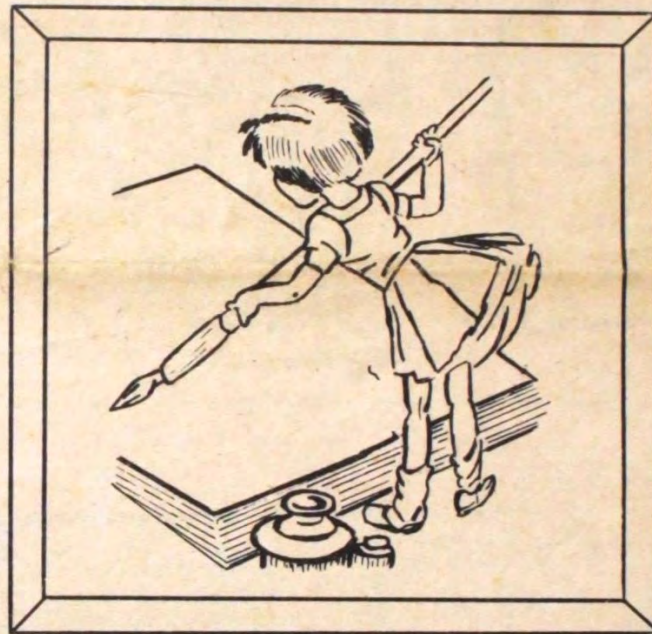
Monteiro Lobato escreveu suas histórias porque amava as crianças. E queria que elas crescessem informadas, sabendo olhar e criticar a sociedade em que vivem, para ajudar a torná-la mais justa e humana. Usou uma linguagem saborosa, com muitos

episódios engraçados, contou histórias bonitas, para que as crianças passassem horas alegres e ficassem gostando de ler, pois quem lê abre uma janela para o mundo e aprende a melhor se defender.

Hoje vocês vão ler as histórias infantis de Monteiro Lobato, daqui a uns anos poderão ler o que ele escreveu para a gente grande. Aí verá que, justamente porque amava as crianças, ele lutou para fazer de nossa terra um país independente, defendendo nosso ferro e nosso petróleo e combatendo a miséria.

O sonho de Monteiro Lobato era fazer com que a vida de cada criança aqui fora fosse tão alegre e livre quanto no Sítio do Pica Pau Amarelo. Tornar esse sonho realidade não depende mais dele; isto agora depende de nós.

Eglê Malheiros



UM TEXTO

DE LOBATO

Algumas crianças escolheram este texto para o jornal: Tomavam sol à beira de um brejo uma rã e uma saracura. Nisto chegou um boi, que vinha para o bebedouro.

— Quer ver — disse a rã — como fico do tamanho desse animal?

Impossível, rãzinha. Cada qual como Deus o fez.

— Pois olhe lá! retorquiu a rã estufando-se toda. Não estou "quase" igual a ele?

— Capaz! Falta muito, amiga.

A rã estufou-se mais um bocado.

— E agora?

— Longe ainda! . . .

A rã fez novo esforço.

— E agora?

— Que esperança! . . .

A rã, concentrando todas as forças, engoliu mais ar e foi-se estufando, até que, plaf! rebentou como um balãozinho de elástico.

O boi, que tinha acabado de beber, lançou um olhar de filósofo sobre a rã moribunda e disse:

— Quem nasce para dez réis não chega a vintém.

(Fábulas, Brasiliense, 1960)

Escolha você um texto de Lobato (uma fábula ou o trecho de um dos livros que ele escreveu). Leve para classe e troque idéias a respeito, com um colega.



As artes de nossa terra

16

terra de artistas e arteiros, Florianópolis tem um potencial de criatividade que, embora se manifeste a todo instante, está longe de render o que pode. Se, no passado, já era difícil caracterizar nossa produção artística, hoje, quando não somos mais uma ilha, porque os modernos meios de comunicação e de transporte intensificaram as trocas e influências, tal caracterização é tarefa ainda mais desafiante.

Por muito tempo, nossa gente viveu aqui uma vidinha precária, lucrando com os navios em busca de aguada e, por terrível que seja, com os butins dos naufrágios, enquanto exterminava aqueles que lhes ensinavam as estratégias de sobrevivência: os carijós.

A vida maciça de açorianos moldou a figura do ilhéu, que se sentiu ameaçado em sua identidade com a chegada dos CTGs. Como reação veio a valorização acrítica do que se considera "açoriano". A nova "moda" esquece as raízes históricas de lendas e credices, ignora a presença que as bruxas nos poderiam dar: a fidelidade a seus próprios valores e a resistência à violência do poder. Buscando o exótico e não o humano, não se lê na história dos "anjinhos embruxados" a tragédia nada inocente do abandono, da miséria e da ignorância instrumentalizada.

Hão de perguntar, e a arte? Foi pela arte que o povo se conheceu e afirmou, e pela arte ele se interroga, se conhece e se afirma.

a palavra

Primeiro a fala, com sua inflexão especial, vocabulário arcaico, expressões que contam histórias. Depois os casos, os acontecidos, relatos factuais temperados de temores e sonhos. Desse solo brotaram escritores que, não no isolamento, mas em permanente comércio com o mundo, nos passaram certezas e dúvidas que nos alimentam até hoje. Só Cruz e Sousa já seria bastante. Mas além dele tivemos Virgílio Várzea, Luiz Delfino, Othon D'Éça, Maura de Senna Pereira e outros mais, ao lado dos muitos que, felizmente, ainda hoje em plena floração, refletem e influem na rápida mudança por que passa nossa cidade. Gente nascida

aqui ou em outras plagas, nutrindo-se de nossa seiva.

as linhas e as cores

Existem, desde sempre, as linhas nas mãos das rendeiras, com seus bilros bailarinos, dando concretude ao desenho das espumas, as mãos ásperas dos cesteiros tramando balaio e esteiras com artes vindas dos carijós. Uma luz especial impregna objetos e seres. Lá está ela com Victor Meirelles, em Eduardo Dias e, sobretudo, em Martinho de Haro, que fundiu a solenidade do planalto serrano com o ritmo leve e sensual do nosso mar, morros e colinas, e utilizou nuances só conhecidas de quem deixa o olhar se perder em nossos crepúsculos. Hoje, dezenas de artistas expressam a resposta da sensibilidade a uma cidade em choque, em que o picaresco e o bom humor não conseguem abafar o embate da luta, às vezes cruel, para apenas sobreviver.

os sons e os gestos

Aqui existe o sussurro da brisa, o uivo do vento sul, o murmúrio do mar que logo pode rugir em cólera, o bailado das ondas, o planar dos pássaros. Canções são de saudades, pois aqui era Desterro; os bailares trançam fitas, festejam a colheita, ligando-se nesta terra jovem a ancestrais e longíquas culturas. No passado, algumas composições, como as de José Brasilício de Souza (de quem é a música do Hino de Santa Catarina) e Emanuel Peluso; hoje em dia, grupos formam conjuntos e buscam a profissionalização. Passo importante para a difusão da música erudita foi a criação da Orquestra Municipal. De alguns anos pra cá, o interesse pela dança tem aumentado, mostrando que o trabalho pioneiro de alguns deu frutos.

a vida do teatro

Florianópolis sempre amou o teatro. A chegada do cinema prejudicou a atividade, mas a UBRO, por

exemplo, não se deixou abalar e por décadas forneceu emoções a um público fiel. Na década de 50, o Teatro de Arte Moderna, do Grupo Sul, sacudiu o marasmo, colocou a cidade no roteiro das boas companhias. Em nossos dias, numerosos brupos batalham para que não se perca a magia do palco, sejam autônomos ou vinculados à UFSC, UDESC, SESI, CEF. Sonha-se com mais salas e uma companhia permanente de repertório.

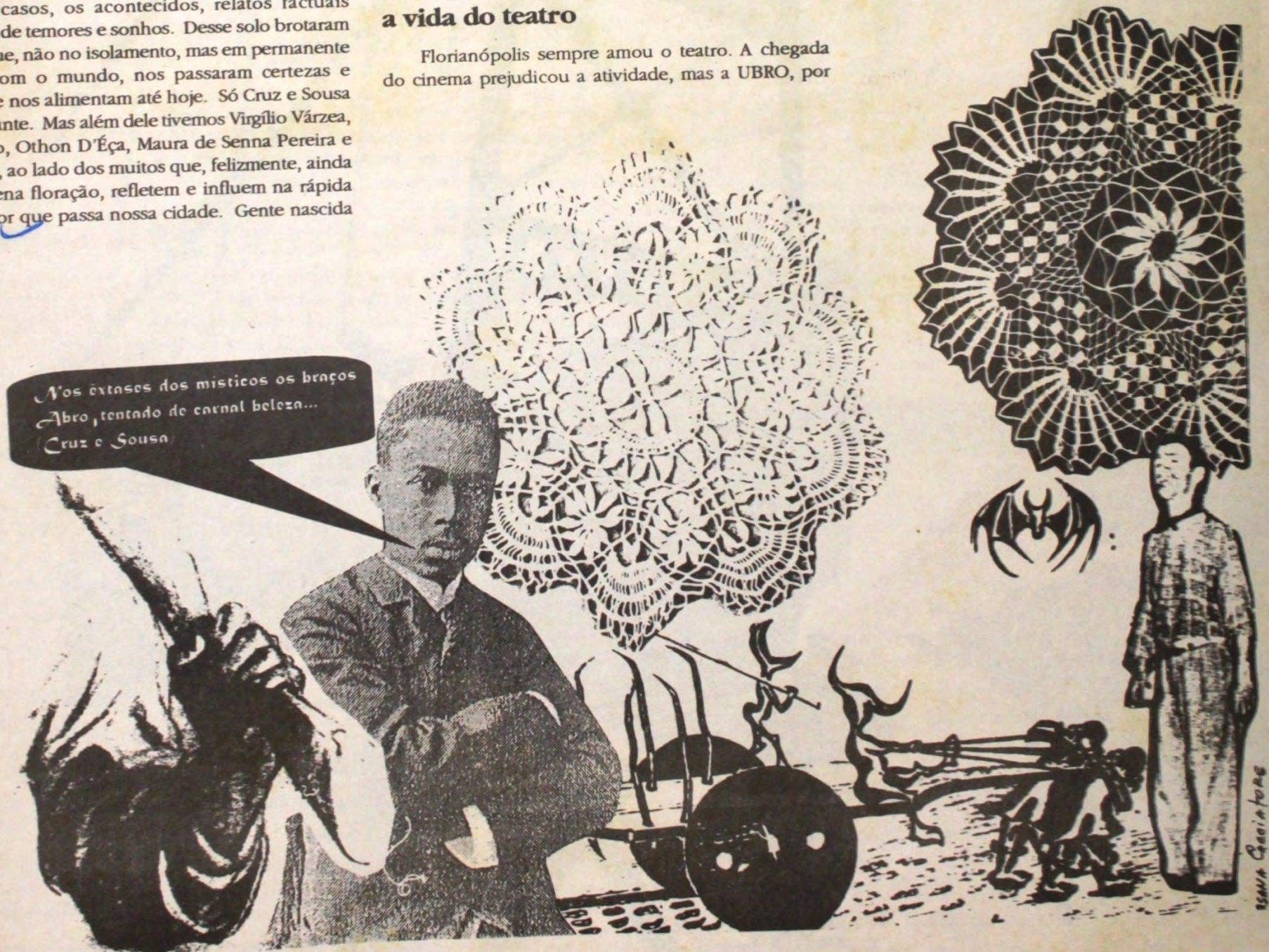
ritmo de imagens

Um dia (1957) se fez na capital um filme. De "O Preço da Ilusão" só restam os 12 minutos finais. Anos passam; lá por 70, produzem-se curtas que participam de festivais no Rio. A batalha incessante por um cinema brasileiro teve e tem aqui seus soldados. Gente consciente de que, podendo o filme ser arte, mas sendo o cinema indústria, há grandes interesses em jogo, e o contínuo desprezo com que se trata nosso cinema nada tem de accidental. Jovens continuam realizando curtas, enquanto lutam para resgatar o sonho de Marcos Farias, com a implantação de um pólo cinematográfico.

tarefa

Eis a grande tarefa dos artistas. Não somos a "exótica ilha da magia" vendida em folhetos turísticos, mas temos a convicção de que, pela educação e pela cultura, faremos Florianópolis cumprir sua vocação: a de um burgo vivo, atuante, alegre, acolhedor. Com um povo fiel às suas raízes, soberano e fraterno, nem de longe mercadoria a ser apropriada por interesses particulares.

Eglê Malheiros
Escritora e professora



ENSAIO

EMÍLIA

ontem e hoje

EGLÊ MALHEIROS



Emília e o Visconde
em gravura de André le Blanc

Emília, a criatura de Monteiro Lobato, vem encantando seus leitores há várias gerações. Quando de seu aparecimento, na década de 1920 (ela que nasceu da cabeça do Escritor, espécie de Pallas Atena cabocla), causava ainda maior rebuliço, negação que era da educação severa e coercitiva que então imperava incontestemente.

Embora tenha lá seu parentesco com Pinóquio, jamais se tornou *gente*, permanecendo como a encarnação (ou “empanação”) da coragem contestatória e da visão de mundo de seu autor.

É evidente que Emília, para ser bem entendida, não podia se retirar de seu contexto; ela cumpre uma função dentro do universo ficcional lobatiano e tira seu significado, e dá significação à narrativa, na interação com os outros seres de seu mundo; ela é muitas vezes a má-criação que Narizinho e Pedrinho (crianças bem-educadas) não se atrevem a externar; mas é também o impulso de certos extratos da classe dominante em direção à superação de uma organização semi-feudal e pela modernização conservadora da sociedade.

O Sítio do Picapau Amarelo constitui, para muitos de nós, o *locus* privilegiado em que a imaginação se soltava e os conflitos se resolviam sem o esmagamento das crianças. Das crianças da classe média. Porque Monteiro Lobato, mergulhado na ideologia de seu grupo social (embora em choque com os extratos mais retrógrados), não se dava conta do racismo e da soberba em relação aos membros das categorias e classes subalternas, muitas vezes expressos pela própria Emília. As inúmeras cenas em que Emília, muito explicitamente, chama tia Nastácia de “negra beijuda”, provocando ralhos de Dona Benta e protestos das crianças, nós as lemos agora constrangidos, pois são consideradas “artes” infantis. O próprio narrador constantemente se refere a tia Nastácia como a “negra”, não usando a cor da pele para designar nenhum outro personagem. Além disso, todos os moradores subalternos do Sítio são por definição infantilizados.

Trata-se de um sítio, pequena propriedade e não de um latifúndio, mas dá continuidade à corrente, ainda bem viva, que descreve o mundo agrário com olhos de poeta arcade.

Vem daí sem dúvida (além da ultrapassagem científica de certos livros, embora estrutural e textualmente encantadores) certo descompasso entre as crianças de hoje e a

turma da Emília. Não sem razão, os países africanos lusófonos são profundamente críticos em relação ao que se passa nesse nosso paraíso infantil.

Homem de coragem e luta, escritor basilar, ousou afirmar que hoje Monteiro Lobato nos daria uma Emília mais consciente do caldo de cultura em que foi criada. Lembremo-nos de que ele, no início da carreira de escritor e batalhador em prol da emancipação econômica e cultural de nosso país, criou o Jeca Tatu – ser em boa parte responsável pela própria miséria; mas, no fim da vida, eis que nos presenteia com a antítese, o Zé Brasil (por que será que tão esquecido?). Nos meus sonhos, a Emília – de pano, sem requintes, tão mais nossa que a anoréxica Barbie –, rodeando Lobato com o resto da turma do Sítio, participa do grito pela terra, ao lado de milhões de Zés e Marias Brasil.

Novos tempos, novas visões. Aqui temos cinco outras Emílias, filtradas pela sensibilidade e vivência de escritores contemporâneos. Oxalá tenham eles herdado de Lobato o compromisso com sua terra e sua gente, nestes tempos em que tentam nos obrigar a “globalizar” o individualismo e a sede de lucro, em vez de a fraternidade e a luta por justiça.

Eglê Malheiros é professora e escritora. Publicou os livros *Manhã* (Sul, 1952), *Desça menino* (Criar, 1985) e a peça de teatro *Vozes veladas* (Movimento, 1995).

MONTEIRO LOBATO

DO JECA AO ZÉ BRASIL

Sempre que ouço alguém malhar o intelectual, caracterizando-o como um aproveitador de sua condição de letrado num país de analfabetos, alguns nomes me vêm de imediato à cabeça como prova provada de que há intelectuais e intelectuais. Tudo depende de como se situam em relação à sociedade em que vivem, em relação a sua gente e seu tempo. E um desses nomes é, desde logo, Monteiro Lobato.

Há dois pré-requisitos para pessoas como ele: a integridade e o senso de responsabilidade social. Por ser honesto para consigo mesmo e por não se julgar acima dos problemas que assolam o comum dos mortais. Lobato realizou a grande caminhada que foi sua vida. Caminho difícil, com paradas, falsas veredas, recuos, mas sempre com um norte: fazer o Brasil sair do atraso e da miséria.

Que não era tarefa para uma só pessoa ele o percebeu desde logo, e sua vida foi dedicada a disseminar o saber, para que mais olhos se abrissem.

Quando em fins de 1914 cria a figura do Jeca Tatu o faz com base, principalmente, em sua experiência na Fazenda Buquira. Lá sua vontade de modernizar e conseguir boa produtividade é impotente para vencer a indolência, o traso, as credências de multos e a esperteza de alguns. Fica a se perguntar a causa e a encontra logo no matuto, de cócoras que "só ele no meio de tanta vida, não vive...", sombrio urupê de paupode.

Esse caboclo, que nada possuía dos traços românticos, ofendia o ufanismo reinante e quando aparece em livro (*Urupês*, julho de 1918) vai provocar a indignação dos literatos que falavam da roça sem conhecê-la. Para se contrapor ao Jeca, surgem matutos fortes e viris, como Mané Chique-Chique e Jeca Leão, heróis para ninguém botar defeito. Tais personagens se perderam por aí, e o Jeca continuou. Lobato, qual pai que ama o filho a pesar seu, sai em defesa do rebento. Cientistas como Miguel Osório de Almeida advertiam, o Jeca não era como era por determinismo biológico, mas porque roído de ancilostomíase; Miguel Couto caracterizava o Brasil como um imenso hospital.

Já morando em São Paulo, Lobato prossegue na batalha de fazer com que os brasileiros se olhem com olhos de ver, primeiro passo para encaminhar a solução dos problemas. Com o propósito de vulgarizar o livro e torná-lo acessível, funda uma editora, a *Monteiro Lobato e Cia.*, disposto a vender livro como se vende pão. Depois, num projeto mais ambicioso, com oficinas modernas, instala a *Editora Nacional*, ao mesmo tempo em que lança a *NoVela Semanal*, divulgando autores brasileiros para o grande público. Problemas empresariais e financeiros fazem-no passar a editora a seu sócio Octales Marcontes; anos mais tarde estaria, ao lado de Calo Prado Jr. na *Brasiliense*. O Jeca corre o Brasil no almanaque do *Biotônico Fontoura*, onde resolveu seu problema de saúde virar um "coronel".

A publicação de *Urupês* lhe dá renome nacional, em parte pelo livro em si, em parte pela polêmica que causou. Esse Lobato que até hoje é crucificado por um martígio infeliz sobre Anita Malfati (insinua-se ser de responsabilidade do escritor todos os problemas das artes plásticas brasileiras até hoje) foi com *Urupês* um precursor do modernismo, livro que sacudiu o marasmo da literatura "sorriso da sociedade", como o reconheceu Oswald de Andrade. Esse Lobato que escreveu que a *Semana* de 22 "vai forçar-nos a uma atenta revisão de valores e apressar o abandono de demais coisas a que andamos aferrados: o espírito da literatura francesa e a língua portuguesa de Portugal", paga até hoje o crime do artigo, como se "nunca jamais em tempo algum"

pintores, músicos, escritores, tivessem sofrido críticas injustas, ou apressadas, ou infelizes na formulação.

Seria curioso indagar o porque da ausência de perdão.

Mas Lobato e o Jeca prosseguem. Com o tempo o pai vai dedicando maior simpatia humana ao filho, embora sem lhe alterar os traços que sabia fiéis. Como bem observa Edgard Cavalheiro, em *Monteiro Lobato Vida e Obra*: "As causas reais de tal estado de coisas somente no último quartel de vida ele as localizaria, mas então sua obra literária já se havia cristalizado e morto estava o seu interesse pelas belas letras".

Após alguns anos de permanência nos EUA, volta mais disposto do que nunca a lutar pelo aproveitamento de nosso ferro e pela afirmação do petróleo, e acaba sendo apresentado na prática à ação do imperialismo. Luta com todas as forças, escreve cartas, apela aos políticos, aos homens que têm poder, atribuindo a eles a honradez e a responsabilidade social que lhe habitam o caráter. Com o Estado Novo o *Escândalo do Petróleo* é proibido, as páginas dos jornais se fecham para Monteiro Lobato, mas ele prossegue numa luta que tem como objetivo imediato dar condições ao desenvolvimento de um capitalismo brasileiro não tributário, que ele então julgava o meio de libertar o povo. A ditadura tenta calá-lo, mas também tenta comprá-lo e em 1940 é convidado para Ministro de Propaganda. Não aceita, o ministério não é criado e no ano seguinte o escritor é preso. Incomunicável de início, passa depois a conviver com outros presos, numa troca de idéias fecunda e proveitosa. Um movimento, feito principalmente no Rio e São Paulo, consegue libertá-lo. E Lobato volta para a luta, para a vida ganha com traduções, para a vida de trabalhador intelectual e não de plumitivo.

Desde 1921, com "*A menina do Narizinho Arrebitado*" vinha escrevendo para crianças. Procurando um texto sem "literatura", claro, direto, instigante. Por sua obra infantil pode-se acompanhar sua evolução intelectual e política, ao mesmo tempo que ela é prova decisiva de sua integridade: não mente nem engana quando fala às crianças, apela para o espírito crítico, quer ajudá-las a aprender a ver a realidade que as cerca, mas, cliente de sua própria responsabilidade, não as agride, respeita-as e usa o sonho e a fantasia como refrigério e meio de melhor chegar ao real. Há falhas em Lobato? Claro que há, mas seu leitor as perceberá munido dos instrumentos que ele lhes forneceu. Uma das mais gritantes é o preconceito racial, lepra que se gruda à cabeça de muita gente como herança de uma sociedade escravista.

Em 1944, Monteiro Lobato escreve *Os Doze Trabalhos de Hércules*, e vemos o he-



rói, pela ação do convívio e troca de idéias com a turma do Picapau Amarelo, ir deixando de ser um bruto e apelando cada vez mais para a razão e para a afetividade (tomada em acepção positiva). O mais engraçado é que as proezas do herói não são resultado de uma ação individual, mas de uma ação conjunta de pessoas interessadas naquele objetivo.

Lobato está nos últimos anos de sua vida, amargurado porque de tanta luta enxada não pôde resultado; tem clareza das causas reais do atraso do país e da situação do povo. Quando fala no Pacaembu, saudando Lutz Carlos Prestes, observa: "Quem do alto olha para o Brasil vê um complexo sistema de parasitismo em repouso sobre um larguíssimo pedestal de escravos andrajosos (...). Nasci na classe privilegiada e nela vivi até hoje, mas o que vi de miséria silenciosa nos campos e cidades me força a repudiar uma ordem social que está contente com isso e arma-se até com armas celestes contra qualquer mudança".

Coerente, o pai do Jeca Tatu se dispõe a acabar com o malfadado filho, não pela morte mas pela transformação. E escreve o *Zé Brasil*, folheto para mobilizar o matuto contra o monopólio da terra, pela reforma agrária. Lobato tem certeza de que seu inimigo não é o Jeca de cócoras, mas os coronéis Tatuíras. A apreensão do folheto, em 1947, mostra que, por mais indigesto que seja, o Jeca Tatu é mais fácil de engolir.

O neto de um visconde do café, o fazendeiro falido, o capitalista sem sorte, que sempre fora fiel a si mesmo, chega à velhice e à morte ao lado daquilo que havia de mais jovem na intelectualidade brasileira, o intelectual que se propõe a ser um agente da mudança. Jamais o mentor ou o orientador, apenas mais um entre muitos a descobrir de maneira solidária o caminho, a palmilhá-lo custe o que custar.

A obra literária de Lobato aí está, clara, acessível, sem malabarismos. Pois afinal existem escritores que, ao invés de desestruturar a linguagem como sinal de protesto, preferem estruturá-la de modo a que ajude a abalar as bases da exploração.



Por Eglê Malheiros

“O REBATE” NAS ARTES - Direção de A. Boos Jr. e Guido Krieger

Cinema

POR GUIDO KRIEGER

A semana que passou, foi sem dúvida a semana dos brotinhos. Um brotinho bem americano foi nos apresentado pela Metro (Sandra Dee) em «Brotinho Indocil» e, um outro um pouco mais desenvolvido (Brigitte Bardot) foi nos reapresentado pela França Filmes em «BROTINHO DO OUTRO MUNDO». BB, nem com sua presença, habitualmente arrasadora, conseguiu salvar — «BROTINHO DO OUTRO MUNDO», baseado num argumento dos mais apáticos, que já apareceram na tela. Bem, voltemos à

BROTINHO INDÓCIL

«The Reluctant Debutante»

Produção: Metro Goldwyn Mayer; Direção: Vicent Minelli Produtor: Pandio S. Berman; Screenplay: Julius Epstein; Baseado na peça de William D. Home — ELENCO: Kay Kendall, Rex Harrison. Angêla Lansbury, Sandra Dee, John Saxon, Peter Meyers, Diane Clare.

Um dos diretores cujas obras acompanhamos com interesse é Vicent Minelli. Minelli, sempre foi um diretor dispersivo e volúvel, ao mesmo tempo que realiza musicais da excelência de «Sinfonia Em Paris (Leslie Coron e Gene Kelli) e «Roda da Fortuna» (F. Astaire e Cyd Charisse), faz pouco depois o fraco, o horrípilante «UM ESTRANHO NO PARAISO» (Howard Keel, Ann Blyth) onde valeu-se de recursos fáceis a lugares comuns.

Vasculhando as obras de Minelli, encontramos algumas de bom quilate, realizadas ao que parece nos seus dias de inspiração (melhor seria dizer, nos dias onde o interesse comercial não é a única finalidade), como: «Sede de Viver» (Lust for Life), onde grandemente auxiliado pela fotografia excelente de F.A. Young e Russel Harlan. Seguindo um estilo quase acadêmico, trilhando um ritmo semi-impressionista Minelli com «LUST FOR LIFE», em nossa opinião realizar sua melhor película, conseguindo desempenhos admiráveis de Kirk Douglas, Anthony Quinn, James Donald e Pamela Brown. Seguindo suas fitas, encontramos então, «CHÁ E SIMPATIA», onde Minelli aborda um dos grandes problemas deste século: Um jovem estudante é surpreendido em atitude pouco masculina para os olhos de seus colegas. Ótima a fotografia de John Alton e o desempenho de Deborah Kerr. Outro filme de Minelli, também de grande sucesso, que infelizmente não assistimos foi «ASSIM ESTAVA ESCRITO», (Kirk Douglas, Lana Turner). Outras fitas de Minelli são o interessante «PAIXÕES SEM FREIOS» (R. Wildmark), «PAPAI DA NOIVA», «O PIRATA», «HISTÓRIA DE 3 AMORES (Mademoiselle)», «PONTEIRO EAS SAUDADE».

Sua presente fita «O BROTINHO INDOCIL», pertence ao gênero, onde iniciou-se com «TEU NOME É MULHER» — a comédia satírica

Desta vez apresenta uma sátira à sociedade londrina conseguindo ora cenas boas, ora cenas que nos convidam a um sono repousador. Minelli, inicia a fita com um brotinho dos «States», chegando à Londres. Sua madastra, visa apresentá-la à alta sociedade, para possibilitar-lhe um casamento com bom partido. Apresentado à vários milionários, o brotinho mostra-se pouco interessado. É nestas ocasiões que o tom satírico de Minelli, mostra-se mais destacado, apresentado tipos como o interpretado por Peter Meyers, sempre falando em tráfego. Minelli, peca em lugares comuns, realizando um filme em seu todo quase ôco, contando com dois «caras bonitas» e péssimos intérpretes são Sandra Dee e John Saxon, Aliás, o principal mérito qual conseguimos manter no cinema durante o seu transcorrer, foi o desempenho maravilhoso de Kay Kendall, à quem cabe todas as honras, dominando a fita desde os minutos iniciais. Recordávamos então a grande atriz de Genieve, de Henry Cornelius, onde numa cena muito boa tocava alegremente o pistão. Caindo depois no comercialismo do cinema americano, fez o Intragável «Abdulah e seu Harém», «A corça e a Espada» é o bom musical Les Girls de George Cukor,

Rex Harrison e Angêla Lansbury completam a parte positiva do filme. Enfim: um filme colorido, passa — tempo, próprio para dia de chuva.

“LOLITA” NOSSOS POETAS:

Conseguiu o sr. Vladimir Nabokov, com um livro (1), fama e fortuna. Endeusado por uns, severamente criticado por outros, o Autor lançou ao mundo um novo mito, do qual dificilmente conseguirá se desvencilhar. A época em que vivemos, por força de fatores (que aqui não cabe analisar), é um época de mitos, produtos de propaganda inteligente ou escândalo intencional, que granjeiam fama ao seu inventor. Lançando mão de alguns dos mais recentes mitos criados no coiteito do público, melhor estaremos ilustrando a nossa afirmativa: a) Marilyn Monroe — surgiu como a “garota do calendário”, e galgou o estrelato. O fato foi contado em prosa e verso, muitas vezes no sentido do puramente escandaloso, outras vezes para demonstrar a força de vontade da então candidata a “starlet”. O fato é que, as oportunidades foram surgindo, e MM foi conseguindo papéis mais importantes, embora sempre afirmando que era atriz dramática. Porém, nem o casamento com Arthur Müller, um dos dramaturgos mais sérios e honestos dos “States”, nem contracenando com Laurence Olivier, destruiu a áurea de futilidade e licenciosidade, que envolve Marilyn Monroe. Com Brigitte Bardot, sucedeu a mesma coisa: O mito empolgando a opinião pública, transformando a atriz numa coisa vã cujo único mérito era tirar a roupa em público. b) Caryl Chessman — conhecido, única e exclusivamente, como o homem que vem driblando a justiça, tentando escapar à câmara de gás. O escritor quase perfeito, revelado à beira do abismo, ninguém conhece. Embora autor de livros de méritos literários comprovados, Chessman há de perdurar na memória do povo como um ardiloso setenciado, abrindo brechas no sistema penal americano, guardando sempre um trufo na manga, para escapar ao seu triste destino.

E poderemos continuar citando os mitos atuais — Chaplin (Carlitos), Carlos Drummond de Andrade (E Agora, José?), — se o nosso assunto não fosse o Sr. Nabokov. Sabemos da dificuldades que o A. encontrou p/imp. “Lolita”, afinal transformado em “best-seller”. Veio dinheiro, veio a notoriedade. Ninguém pode, conscientemente, negar os méritos literários do livro, que é admiravelmente bem escrito. Neste sentido, o A. é o que se convencionou chamar de grande escritor: seus tipos, mórmente o triângulo onde se desenvolve o mito da “ninfeta”, são desenhados com desenvoltura tremenda, criando foros de gente real, movimentando-se e dialogando com naturalidade, integrando-se em nosso cotidiano.

No que se refere ao seu conteúdo, «Lolita» deverá permanecer na mesma categoria de «O Amante de Lady Chatterley»: livro proibido a provocar a curiosidade de adolescente quando - na realidade - são livros sérios, abordando assunto perigoso, e destinados à leitura de adultos, não apenas fisicamente, mas também espiritualmente. Não pretendemos, nas linhas desta simples crônica, fazer defesa das teses apresentadas pelo A., mesmo porque, defendendo ou atacando-as, seria um ato de falsa moral.

Reconhecer os méritos literários da obra, não implica, logicamente, na aceitação do cinismo, por vezes deletério, que o A. coloca nas palavras de Lolita e de seu idoso amante.

Já frizamos, certa feita, que o tempo é o melhor juiz para as obras literárias. Passada esta primeira vaga de escândalo e sensacionalismo, veremos se o livro do Sr. Nabokov, é simplesmente um romancezinho escabroso ou um livro destinado a permanecer nas estantes como um exemplo: Exemplo que tanto pode ser de técnica literária, coragem de editor, ou, mais simplesmente, exemplo de uma época.

A. Boos Júnior

(1) «LOLITA» — Editora Civilização Brasileira S/A.

SR. E SRA. Edmundo Laurino de Amorim	SR E SRA Oscar Gustavo Krieger
têm o prazer de participar o noivado de seus filhos	
Maria Carolina e Marco Aurélio	
28 de janeiro de mil novecentos e sessenta	
Rua Petrópolis, 75 BLUMENAU	Rua Felipe Schmidt, 77 BRUSQUE

EGLÊ MALHEIROS cedo se impôs como a melhor poetisa de Santa Catarina. Fês parte do grupo «SUL», onde incentivou e orientou, juntamente com o marido, Salim Miguel, uma porção de jovens (e, digase de pasagens, jovens como eles) que andavam tateando nos caminhos da literatura. Sempre encontrou u'a maneira de conciliar a poesia de seus afazeres de dona de casa e professora. Tem um livro publicado, «MANHÃ» (Cadernos «SUL», 1952) e muita coisa inédita também. A poesia de Eglê é como ela mesmo é: frágil, bem feminina, porém com uma forte dose de coragem e um profundo sentimento de revolta contra as injustiças sociais. Os dois poemas que publicamos abaixo refletem, perfeitamente, a sua maneira de ver as coisas.

Poema para meu Pai

Foi bem cedo
O orvalho era pérola por sobre a verdura
Em notas silentes na garganta dos pássaros
Inda dormia a manhã
Tiraram-te a vida e minha alegria
Eu tinha quatro anos e a infância se acabou.

MANHÃ

Em outras terras é dia pleno
De messe forte e de cantigas,
Por isso temos certeza:
Aqui também nós cantaremos
Quando a manhã conquistada
Inundar de luz nossas mãos
Fazendo todo ódio se transformar em construção

Cooperativa de Produção dos Agrários de Brusque

Cooperativa de Consumo dos Agrários de Brusque
Brusque - Guabiruba - Norte Santa Catarina

Continuam ao inteiro dispor dos seus inúmeros associados, clientes e amigos

Vende-se Terreno

Vende-se dois lotes de terra, sítos nesta cidade, próximos do centro, sítos à rua 1. de Maio.

Facilita-se o pagamento.

Tratar na mesma rua, no número 303, a qualquer hora diurna.

Conservatório de Música de Brusque MATRICULAS

Acham-se abertas as matrículas no Conservatório de Música, todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 18 horas, para os cursos de Piano — Violino — Acordeão — Blockflote — Teoria Musical e Solfejo — e Canto Coral.

Os alunos novos poderão fazer os exames de classificação, a partir do dia 3 de Março.

As aulas terão início aãd 3 de Março, às 14 horas, com a presença de todos os alunos para a aula inaugural.

Para mais informações, poderão dirigir se à Secretaria do Conservatório.

Brusque, Fevereiro de 1960.
Dinorah Krieger — Secretária.

Perderam-se

As cadernetas nº 64.654 e 62.375, ambas 1ª série. As pessoas que encontrarem, pedimos o obsequio de entregá-las na CEF local.

Farmácia Lindoia:

— Uma tradição em Honestidade

— Uma tradição em Bem Servir

— Uma tradição no Comércio Farmacêutico

Faça da Farmácia LINDOIA a FARMÁCIA da sua Preferência
Avenida Consul Carlos Renaux, N.º 48 — BRUSQUE — SANTA CATARINA

Atualidade de Cruz e Souza

Eglê Malheiros

No dia 17 de março de 1898, na localidade de Sítio, em Minas Gerais, João da Cruz e Souza dirigia a LNestor Vitor as seguintes palavras:

Cheguei sem novidade a 16 deste por 7 horas e meia da manhã desse dia. Fiquei cansadíssimo da viagem. Nada tenho de importante mais a dizer-te. Os remédios tomo-os regularmente. Preciso com muita urgência de dinheiro. Isto aqui é muito agradável. Depois mandarei dizer tudo. Não te esqueças do dinheiro. Lembranças de Gavita.

Teu Cruz e Souza

Como vão os meus filhos que aí ficaram? Fico no Hotel Amadeu.

Dois dias mais tarde ele morria, com 37 anos incompletos, de tuberculose pulmonar, deixando três filhos nascidos e mais um no ventre da mulher. Seu corpo desceria para o Rio num vagão de transporte de cavalos.

Por muito tempo pretendeu-se que sua poesia era de evasão, de fingida ignorância das agruras da vida, de negação de sua condição de filho de escravos, de absoluta fixação na branquitude. Conscientemente ou não, a mesma sociedade que o crucificava, não podendo negar-lhe por mais tempo o gênio poético, procurava capá-lo para que não frutificasse.

Ao morrer, Cruz e Souza havia publicado apenas Tropos e fantasias (com Virgílio Varzea, em 1885, ainda em Desterro), Missal e Broquéis, no ano de 1893. Todo o resto de sua obra é póstumo, preservada pela dedicação de amigos sinceros, o maior deles sem dúvida, Nestor Vitor. No centenário de nascimento do Poeta, a Editora José Aguilar lança suas Obras Completas, organizadas por Andrade Muricy. É um trabalho quase exaustivo, fruto de devotada admiração.

Está lá a produção madura e acabada, bem como o engatinhar no árduo caminho da criação. A cada dia que passa cresce a admiração por seu gênio, mas este homem que marcou com seu ferrete toda a produção poética brasileira que lhe é posterior (citamos aqui a título de exemplo Augusto dos Anjos), que em seus versos vomitou o coração e as tripas, que escreveu com sangue e sêmen, ainda não é conhecido por aqueles para quem cantou: negros e brancos, índios e mestiços que padecem no cativeiro. Há muito o que estudar em Cruz e Souza; embora tenhamos os trabalhos de Andrade Muricy, R. Magalhães Jr. e Nereu Corrêa, entre outros, a tarefa permanece; aqui em Santa Catarina, quem precisa logo revelar o resultado de seus estudos e dar uma contribuição que sem dúvida será valiosa é Elio Balstaedt.

Na poesia da adolescência, ainda informe, Cruz e Souza se bate pela Abolição, cuja campanha participa ativamente. É um negro culto e letrado, que a sociedade dessa nossa terrinha hostiliza e repele. Principalmente por ser "pernóstico", por "não conhecer seu lugar". Por escrever versos de mau gosto como o fecho do soneto "Escravocratas": Eu quero em rude verso altivo adamastórico, / vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico/castrar-vos como um touro - ouvindo-vos urrar! Chocante, por certo, para os que chamavam o negócio negreiro de doux commerce.

Mais ou menos da mesma época é o conto "Consciência tranquila", páginas admiráveis, em que o sarcasmo e a denúncia atingem um grau irrespirável.

Sua mudança para a Corte, na ilusão de ambiente mais propício, se faz

em 1890. Ele logo vai perceber que o 13 de maio e o 15 de novembro pouca coisa mudou. Há sem dúvida o amor e a amizade e existe sua arte. Sua arte, sua carta de alforria. Se está em choque com o meio, procura a corrente literária que choca o meio, faz-se simbolista. Mas com tal gênio, que hoje a crítica internacional o cita como uma das grandes vozes simbolistas da poesia universal, ao lado de Mallarmé e Stephen George. E, não tenhamos dúvidas, se rompermos a barreira da língua passará a ser reconhecido como uma das grandes vozes da poesia universal, sem limitação de escolas. Pois concordamos com o que ele escreveu em "O assinalado": Tu és o Poeta, o grande Assinalado / que povoa o mundo despovoado / de belezas eternas pouco a pouco.

Contudo, apesar da altivez, os golpes sucessivos penetram-lhe na carne, e quando ele evoca esta Ilha, que jamais se afastou de sua poesia, expõe sem reservas o sofrimento: Velho vento vagabundo! / No teu rosnar sonolento / leva ao longe este lamento, / além do escárnio do mundo.

Os frutos de seu amor com Gavita, são um raio de luz: Meu Filho, frágil e terno / socorre-me do atro Inferno ("Revolta de estrelas"), porém ao mesmo tempo uma outra causa de angústia, pois carregam dupla maldição, pretas e pobres. E o Poeta exclama impotente: Nesse ambiente de amor onde dormes teu sono / não sentes nem sequer o mais ligeiro espectro... / mas, ah! eu vejo bem, sinistra, sobre o trono, / a Dor, a eterna Dor, agitando seu cetrol ("Meu filho")

Muito já se disse da presença de formas alvas, brancas, na poesia de Cruz e Souza. Mas muitas vezes se esquece que ele sempre afirmou sua

condição de filho de escravo - apesar de na infância ter sido educado como um senhorzinho pelos senhores de seus pais -, sempre se ergueu contra a estigmatização por motivo de raça. Foi um humilhado, jamais um humilde. Defendeu-se, e a sua gente, com coragem, com garra.

As limitações de espaço de um artigo para jornal não permitem a completa exemplificação, mas lembremo-nos da epigrafe de Broquéis, tirada de Baudelaire:

Senhor meu Deus! concedei-me graça de produzir alguns belos versos que provem a mim mesmo que não sou o último dos homens, que não sou inferior àqueles que eu desprezo.

(Quem são aqueles que Cruz e Souza despreza? Os pobres não, os negros não, os sábios e os artistas não. Despreza os fariseus, os argentários. E os que dos miseráveis tudo tiram e ainda lhes exigem comportamento virtuoso. A esse respeito tem um poema prenunciador, "Da senzala": De dentro da senzala escura e lamacentosa aonde o infeliz de lágrimas em fel, de ódio se alimenta tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada alegre e sem rancor: porém que foi aos poucos sendo transformada aos vivos do estertor...

De dentro da senzala aonde o crime é real, e a dor - crânio abala em ímpeto ferino;

Não pode sair, não, um homem de trabalho, um senso,

uma razão... e sim, um assassino!

Leiamos todo o cruciente "Crianças negras" que termina assim: As crianças negras, vermes da matéria, / colhidas do suplício, à estranha rede, / arranca-se do presídio da miséria / e com teu sangue mata-lhes a sede!

O Poeta compreende que a Abolição libertou para a miséria, e sendo ele negro e pobre, seus irmãos são os pobres, os pobres insurretos: Bandeiras rotas sem nome, / das barricadas / das sangrentas barricadas. / ... Parece que em vós há sonho / e o vosso bando é risonho. / Que por entre os estertores / sois uns belos sonhadores. ("Litania dos pobres")

E deles que Cruz e Souza se propõe ser o arauto, o anunciador: Tudo precisa um ferro em brasa / para este mundo transformar... / nos teus Anátemas põe asa / e vai no mundo praguejar! / Mendigo estranho! Em toda a parte / vai com teus gritos, com teus ais, / como o simbólico estandarte / das tredas convulsões mortais! ("Canção negra")

Até a manipulação semântica, tão em moda, ele desmascara:

O que canta Réquiem eterno e soluça e ulula, grita e ri risadas bufas e mortais no teu sangue, cálix sinistro dos calvários do teu corpo, é a Miséria humana, acorrentando-te a grilhões e metendo-te ferros em brasa pelo ventre, esmagando-te com o duro coturno egoístico das Civilizações, em nome, no nome falso e mascarado de uma ridícula e róta liberdade, e metendo-te ferro em brasa pela boca e metendo-te ferro em brasa pelos olhos e dançando e saltando macabramente sobre o lodo argiloso dos cemitérios do teu Sonho ("Dor negra").

Esse homem que vibra qual corda retesada, quase no fim da vida, ainda se interroga, em plena consunção, em "O emparedado":

Mas que importa tudo isso?! Qual é a cor da minha forma, do meu sentir? Qual é a cor da tempestade de dilacerações que me abala? Qual a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febres?

Para mais adiante profetizar que a África haveria de fecundar a epopéia da Dor do Futuro de algum majestoso Dante negro. Não se apercebeu de que o dante negro era ele mesmo.

Sempre que lemos Cruz e Souza, vem-nos ao coração um pensamento voluntarista, por que o Poeta não viveu para ver a África de hoje, que resgata sua antiga cultura quase destruída pelos civilizadores e que se ergue apesar dos filhotes do colonialismo estilo Bokassa, para ver que sua veoz não era o eco de úteis domesticações brancas, mas sim de uma sensibilidade artística com história milenar.

Pelo rio do tempo, chegam e tornam a chegar até nós as palavras do Artista; ora espasmódicas, convulsas, ora pura melodia; ali gritadas com voz de Stentor, aqui smpgadas entre gemidos. E nós lhe dizemos de novo, usando as palavras de "Vida obscura": Mas eu que sempre te segui os passos / sei que cruz infernal prendeu-te os braços / e o teu suspiro como foi profundo!

A 19 de março de 1898 morreu João da Cruz e Souza, pequeno funcionário da Central do Brasil. De tuberculose pulmonar. Um a um sua mulher e os filhos o seguiram, sem muita demora. Também morreram de tuberculose. Iguazinho como fazem ainda hoje três brasileiros a cada meia hora.

capa



Carta a uma criança simbólica

Menino Jesus,

Começo pedindo compreensão e desculpas, pois você já deve estar cansado do costume que temos, nós seres humanos adultos, de transferir responsabilidades e, vezes sem conta, entregar em mãos frágeis a tarefa de endireitar aquilo que nossa inconseqüência e incúria fabricou. Habitamos a Terra como se fôssemos o umbigo do mundo, o centro e razão de existir do Universo e, quando os desastres se apresentam, apelamos para forças sobrenaturais e nos lembramos de que a vida é sagrada, dádiva valiosa. Passada a crise, "tudo como dantes no quartel de Abrantes".

Em tempos de minha infância, em certa época do ano, entre as pessoas ditas cristãs, cultuava-se uma criança divina, frágil e inane como todo filhote de gente, mas poderosa, compassiva e promissora, como todo filhote de gente, também. Força simbólica de igualdade e fraternidade, de negação da soberba, você, Menino Jesus, comovia e educava, abalando o prestígio do "ter" numa sociedade baseada na exploração do homem pelo homem.

Você se lembra? Apareceu o Papai Noel, velhinho modesto e atencioso, que escorregava pela chaminé das lareiras e enfrentava a neve, ambas inexistentes aqui. Eis que a face de Noel foi se transmutando em cifrão e no Natal, bem, no Natal cada vez mais azar de quem não tem dinheiro.

Quanto a você, menino, sua voz está quase inaudível, ressoando ainda nos Evangelhos Apócrifos e na religiosidade popular. Você, símbolo de vida e esperança, bem podia passar a dividir com os infantes as oferendas que lhe trazem, para que, mudando as estruturas, seja entregue, a toda menina ou menino que nasce, vida digna e confiança no futuro.

Com esperança

Eglê Malheiros.

** A autora é escritora*



N

Me
ceste
esper
ra. Al
coisas
de es
peros

Não
Meni
nos d
dezen
uma
Teu r
Tu na
sim, c
nhanc
zer.

Olho
crenca
sabes
auton
mesm
por is

EDMUNDO VALADÉS,

um escritor mexicano no Brasil

Edmundo Valadés folheia um exemplar da revista que edita, "El Cuento", que brevemente começará ser distribuída no Brasil. Para Valadés, seu trabalho na revista é ainda mais importante que sua atividade de escritor



— Para os latino-americanos, a literatura tem que ser um instrumento de ajuda mútua

ENTREVISTA DE EGLÊ MALHEIROS
FOTO DE ANTÔNIO CARLOS

Edmundo Valadés é um homem ainda jovem nos seus 60 anos, profundamente dedicado à literatura e sua difusão. Edita no México a revista "El Cuento", publicação bimestral que, em seus 12 anos de existência, já apresentou mais de mil autores. A suas páginas, ao lado de clássicos da literatura universal, compõem os escritores da América Latina, e a revista dá especial atenção aos novos, abrindo-lhes conscientemente um espaço cultural. Ultimamente, "El Cuento" tem publicado autores brasileiros — consagrados e novos — e no Brasil, que Valadés visita neste momento, a revista passará a ser distribuída, pela Editora Ficção.

Valadés coloca o que publica em "El Cuento" e a tarefa de levar à frente a revista acima de sua obra pessoal. Seus contos estão reunidos em dois livros — produção pequena em quantidade, mas de grande qualidade literária. Durante a entrevista, e enquanto ele fala do México e da América Latina, que o apaixonam e cuja literatura ele considera das mais pujantes do mundo, vez por outra deixa escapar algumas palavras sobre si mesmo e o que escreve.

Fala de suas duas Adrianas, sua jovem mulher e a filha única, centros de sua vida afetiva, relata alguns episódios do trabalho de jornalista, as dificuldades para realizar sua tarefa, e diz-se encantado com o carinho que recebeu dos mineiros e que recebe agora dos cariocas — mas tudo que é mais pessoal ele pede que não conste da entrevista.

De seu primeiro livro, "La muerte tiene permiso", já em sua nona edição, foi publicado um total de cem mil exemplares. Ele se declara surpreso, pois o volume reúne "histórias escritas sem malícia literária, ingênuas neste sentido".

Seu segundo livro, "Las dualidades funestas", em segunda edição, revela um artífice mais consciente no manejo de suas ferramentas, embora o artista continue centrado em seu universo humano anterior. O que ressalta desta obra é a consciência, por vezes dolorosas, de que não somos lineares nem unidirecionais, e de que há um embate constante entre o que somos e o que desejamos ser.

Valadés é também ensaísta, e publicou "Por caminos de Proust" e "Los contratos del diablo" (sobre as concessões bananeiras na América Central). Sua antologia "El libro de la imaginación" contém narrativas breves ligadas ao fantástico e ao absurdo. Após sua estada no Brasil ele vai incluir histórias brasileiras entre elas.

— Como surgiu seu interesse pelo Brasil e sua literatura?

— Publiquei alguns escritores brasileiros em "El Cuento", passei a corresponder-me com eles e fui crescendo minha curiosidade de conhecer um ambiente que me pareceu rico e estimulante. Resultado, fui até a Argentina e dali toquei para Belo Horizonte, agora Rio e depois São Paulo. O Brasil é para mim, motivo de permanente espanto — sinto em toda parte uma ebulição criadora, uma força afirmativa capaz de vencer todos os obstáculos.

— Nós todos somos muito críticos, achamos que nosso movimento cultural está longe do que deveria ser,

sentimo-nos impotentes diante do marasmo; eu não esperava essa impressão, logo num mexicano.

— Não quero dizer que vocês estejam como devem estar; sei das limitações e pressões de toda ordem que sofrem, mas sinto uma consciência de que os escritores devem unir-se para afirmar a cultura nacional, sobrepondo-se à ação de descaracterizadora dos meios de massa mal utilizados. No México, de uma maneira geral, a gente de letras não trabalha unida, e, embora muitos escritores estejam conscientes dos problemas de sua época, não há uma mobilização mais ampla.

— Pode dar um exemplo objetivo dessa diferença?

— Vocês aqui não ficaram parados a lastimar-se. Estão criando meios de comunicação com o público, acham um jeito de dar seu recado. São jornaizinhos, impressos, impressos e mimeografados, que brotam por todo país; são revistas de âmbito nacional que como "Ficção", "INEDITOS", "Escrita", que revelam contistas, poetas e ensaístas. Sei que mantê-las exige suor e dedicação, pois tenho experiência com "El Cuento". Há mais, gosto de ver a facilidade com que aqui vocês se reúnem, discutem, brigam, mesmo; não há, me parece, igrejinhas fechadas, os jovens autores falam da obra dos outros, recomendam colegas. É um exemplo para toda a América Latina.

— No entanto, achamos que, sem o desejarmos, somos um círculo fechado, para uns poucos.

— Em certa medida, sim. Mas vocês estão fazendo algo para mudar isso, e de forma muito objetiva. Refiro-me à importância que dão à literatura infantil. Aqui fiquei sabendo de Monteiro Lobato: não é incrível que ele seja desconhecido no México? Vejo que lutam para que a literatura infantil e juvenil tenha o cuidado e mereça o respeito da literatura *tout-court* e me surpreendo, quase com inveja de saber que escritores de renome se dedicam a escrever para a juventude. Essa valorização, os prêmios, os concursos, tudo isso vai aumentar o número de leitores infantis e, em curto prazo, o de leitores adultos.

— Mas há quem se interesse pelo problema, no México, não há?

— Há, é claro; porém, mais na faixa das pessoas ligadas ao ensino, professores; ainda não despertaram os escritores. Quase metade de nossa população — e somos 50 milhões — está na faixa infanto-juvenil. Na literatura impressa, recebemos o pior de fora, pois nessa crianças desconhecem os bons livros americanos e europeus, os que contribuiriam para ampliar-lhes a visão do mundo e dar-lhes um sentimento de solidariedade com gente de outros lugares. A ação oficial no México tem-se restringido ao fornecimento gratuito de livros de texto escolares, o que é importante, mas não é tudo.

— Como se passam as coisas no México em relação aos best sellers?

— O *best seller* só tem um valor positivo: como está ameaçando acabar com o mercado para os escritores mexicanos, vem obrigando-os a uma tomada de consciência e levando-os a considerar os problemas da preservação da identidade nacional. Entre nós, o bom leitor, o leitor exigente e sequioso de literatura que reflita nossas preocupações e nos ex-

plique, nos ponha em questão, é o leitor jovem. Leitor que cobra de seus autores preferidos uma atividade literária de instigação e não de acomodação.

— Que tipo de formação têm, de um modo geral, os jovens leitores mexicanos?

— Em primeiro lugar, há a tradição da literatura oral, com raízes na terra. Depois, a universidade mexicana, altamente estimulante, com idéias sempre em ebulição, faz despertar as consciências. O livre debate, o entrecenho de idéias leva à valorização da atividade cultural. Os jovens se interessam por conhecer o mundo, penetrar nos problemas e sonhos dos povos, e sabem que a literatura é um dos meios mais válidos. É esse o grande papel que podemos ter, escritores latino-americanos: derrubar as barreiras que transformam nossos países em compartimentos estanques.

— Você julgava que o problema só existia em relação ao Brasil, por causa da língua?

— No caso do Brasil a língua é um obstáculo a mais. No entanto, a verdade é que a América Latina se desconhece. Ficamos de olhos voltados para a América do Norte e a Europa, à espera do tão falado "boom", e ignoramos a necessidade urgente de nos conhecermos melhor para melhor nos apoiarmos mutuamente. O escritor argentino Eduardo Gudiño Kieffer ("Para te comer melhor") acha que temos falado muito nas afinidades dos países latino-americanos mas não temos tocado nas diferenças. Segundo ele, é preciso destacar as diferenças que estruturaram as individualidades nacionais para que, através delas, salem aos olhos as afinidades, e ganhemos consciência de nós mesmos. Foi um pensamento estimulante, que nunca me ocorrera, e que passo a vocês para que meditem sobre ele.

— O consumo de best sellers seria então um obstáculo a esta estruturação de individualidades?

— Sem dúvida; o povo que consome *best sellers* não se volta para si próprio — são livros que distraem o povo de si mesmo, que o conduzem à pura evasão no pior sentido, à permanência num estágio de desenvolvimento psico-intelectual que não ultrapassa a primeira infância. O jeito é fazer uma literatura que trate de nós mesmos. Neste ponto os jovens escritores brasileiros e os já consagrados são, repito, um exemplo para a América Latina. Vocês que estão aqui não percebam isso, mas é uma corrente caudalosa que vai transpor fronteiras e romper a barreira da língua. Se esses escritores se mantiverem autênticos, se não se deixarem enganar pelas sereias do êxito fácil, mas permanecerem fiéis a sua terra e sua gente, a sua voz se fará ouvir. Isso não tenho dúvidas.

— Você, ao mesmo tempo que elogia, coloca nos ombros dos escritores uma imensa responsabilidade. Contudo, não é fácil trabalhar.

— Sei disso, é uma tarefa coletiva, de prosadores, poetas, ensaístas. Maiores ou menores, não importa. O que importa é a contribuição à cultura comum. Nem todos serão grandes escritores, mas é desse campo que brotará o impulso criador definitivo. Essa ebulição e essa força são ainda mais notáveis quando se sabe que não trabalham na situação ideal, a única própria ao artista, que é a da liberdade plena para o ato criador.



Um Dedo de Prosa
com

EGLÊ MALHEIROS

Desenho de CARLOS SCLAR - Capa de Ivo MARIN



Realização
CCE/UFSC

Apoio
PRAC/PRCE • DAEx • EGR •
LLE • LLV • JOR • Fundação José Boiteux



Quem é Eglê Malheiros

Eglê Malheiros Miguel nasceu em Tubarão-SC, a 3 de julho de 1928. É Bacharel em Direito pela UFSC, Mestra em Comunicação pela UFRJ. Tradutora de obras literárias e técnicas do Inglês, Francês, Alemão, Espanhol e Italiano, foi tradutora e colaboradora das enciclopédias Delta-Larousse e Mirador. Foi Co-fundadora e Editora da Revista da Revista Sul (Florianópolis, 1948-58), assim como da Revista Ficção (Rio de Janeiro, 1976-79). Com Salim Miguel escreveu o roteiro e argumento de *O Preço da Ilusão*, primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina. Com Salim Miguel e Marcos Farias, fez a adaptação e roteiro de *A Cartomante*, de Machado de Assis, e *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. Foi Diretora-secretária e assessora da Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil.

Participou de inúmeros congressos e seminários sobre comunicação ou literatura para crianças e jovens, bem como ministrou cursos sobre o assunto.

Autora do livro de poemas *Manhã* (Edições Sul, Fpolis, 1952), do livro infantil *Desça menino* (Criar, Curitiba, 1985) e *Os Meus Fantasmas* (Ed. Movimento, Porto Alegre, 2002). Tem diversos contos publicados em revistas e antologias.

Sua peça *Vozes Veladas* (Ed. Movimento, Porto Alegre), que tem por tema a vida e obra de Cruz e Souza, recebeu em 1996 da UBE-Rio de Janeiro o prêmio de melhor peça, sendo encenada pelo grupo Pesquisa Teatro Novo, sob direção de Carmem Fossari.

Sobre Cruz e Souza, publicou diversos ensaios e críticas literárias em revistas e antologias, e organizou, por ocasião do Centenário de Morte do Poeta (1998), o volume

Texto escrito para o Jornal Diário Catarinense,
"Variedades", dia 5/3/2003

É comum ouvir-se, entre escritores, declarações de amor às palavras. Contudo, que força têm as palavras tomadas isoladamente, fora de contexto? Em geral, quando uma palavra sozinha ganha força, ela é de fato uma frase condensada. De minha parte, eu amo a linguagem, com sua inesgotável capacidade de estabelecer a comunicação entre as pessoas, criar vínculos, revelar verdades e ocultar mistérios. Linguagem feita de palavras, sem dúvida, mas também de silêncios, de ritmos, de entonações. A fala é tão rica que a escrita vive tentando capturá-la no papel rabiscado, no livro impresso, pugnando por ser capaz de dizer, também com poucos signos, toda a dor que pode vir condensada na simples vocalização de um "nunca" ou toda a felicidade contida num murmurado "sim".

Nós, os falantes, habituados desde cedo a atribuir significado à linha sonora, não deixamos de fora os sons que ouvimos pela primeira vez, arranjamos para eles uma função na frase. Daí talvez a relutância de muitos em recorrer a dicionários. Um exemplo disso teve aquela mãe cujo filho indignado contou que a irmã o xingará de uma palavra muito feia. Na casa era vedado o uso de palavrões quando muito um "feio", um "bobo", um "macaco". O menino se negava a repetir o insulto, afinal revelou, baixinho: "Ela me chamou de inquilino".

Na minha infância e também na maturidade, a palavra mercado evocava frutas e verduras, cores e odores misturados a ruídos e vozes, principalmente cantadas (Ave Maria mô deus - tés tansa, rapariga - ô 'shtepô). A beleza das louças de barro empilhadas, a tentação dos utensílios em miniatura, vontade de levar todos para a casa de boneca, as canoas que vinham de outras praias cheias de frutas, legumes, peixes. Era também o templo do culto à tainha, quando as mantas generosas se deixavam enredar, redes tão cheias que muitas vezes se rasgavam. A inexistência dos frigoríficos faziam a alegria dos pobres, a se fartar por uns poucos tostões, antes que a Saúde Pública viesse e passasse creolina em tudo.

Ir ao mercado era uma festa, sempre cestos novos, rendas sutis criadas por mãos ásperas, quitutes, negócios, namoros, noivados, ciúmes. O coração do burgo, o ponto de convergência.

Hoje ouvimos e lemos a palavra mercado, mas é por certo homônima da outra. Pelo que se sabe trata-se de uma coisa ou de um ser altamente problematizado. Dia e noite se referem a seu nervosismo, que está ansioso, desconfiado, pronto a deixar escapular capitais, que se mostra inquieto. A isso é aduzido que ele, o mercado, precisa ser acalmado, que urge inspirar-lhe confiança, parece um Moloc se alimentando insaciável de juro que para ele têm gosto de quero mais.

Para agradar o mercado, faz-se o País deixar em suspenso seus sonhos, tentando fazer-nos crer que um sorriso dos sacerdotes do Insaciável, a gente do FMI, é paga suficiente.

O tal de mercado é tão mercurial que qualquer referência a avanço do povo organizado o deixa em crise. Já ouvi dizer que as mães mais modernas, mais in, quando seus filhinhos teimam e desobedecem, não recorrem à cuca ou ao bicho-papão, dizem cruéis: Olha que o mercado vai te pegar.

Texto Extraído do livro
Numa Ilha

DESCOBRIMENTOS

Viajantes numa noite escura, chegamos afinal a bom porto: o abraço acolhedor e comovido do avô, o carinho solícito das tias.

Eu mal divisava umas luzes da cidade e devo ter passado pela ponte sem me aperceber; nós, as meninas, vínhamos no banco de trás, no da frente o *chauffeur* e minha mãe com um nené no colo.

O percurso terá sido de sol e belas paisagens, quem sabe chuva e lama, por certo refeições à beira da estrada, próximo a alguma fonte, como se fazia então. Nada disso me vem à memória, só a noite e a faixa interminável da estrada se estendendo, se estendendo e nos levando. Era como um submarino, aquele Ford de bigode, navegando num breu denso e silencioso, se afastando do caos, daquela cidade que permanecia em seu lugar, porém desmoronava, escapando do visgo pestilento do ódio, fugindo, ó ingenuidade, do abraço sufocante da saudade.

O mundo agora era diferente. Uma casa grande como a que deixávamos, contudo estranha, sem as minhas coisas, que viriam no caminhão. Vagávamos pelas peças, só não se podia brincar na sala-de-visitas, com piano, cadeiras Thonet, resposteiros, tapete e almofadas de veludo no chão.

Levas e levadas de visitas vinham, algumas recebidas na sala, a maioria na copa. Minha mãe, toda de preto, lenço preto na mão, nos chamava, chegávamos em nossos vestitinhos coloridos, ouvíamos qualquer coisa sobre não entenderem, não tem sentido usarem luto, recebíamos uns beijos babados, sentíamos a aspereza de umas roupas também negras, e escapávamos.

Ainda bem que havia a Iracema, meninota de canelas finas e cabelo pixaim de demorada *toilette*, que eu acompanhava com vivo interesse. Viera como nossa ama-sêca, inventava brinquedos, contava histórias e ria. Era uma pessoa que ria e nos fazia rir, e o riso na casa soava como um milagre.

O quintal grande, com galinhas e patos, horta e jardim, ficava aos cuidados de um cão policial, manso e terno. Um casal de gatos brancos esquentavam-se no sol na escada da cozinha e uns gatinhos pacientes eram nossas bonecas conformadas, usando babador e comendo mamão.

Da varanda, na ponta dos pés, contemplava a rua. Pela manhã os bombeiros anunciavam as frutas, as verduras, o peixe. Eu devia muitas vezes esperar um determinado "freguês" e anunciar sua passagem. As compras eram feitas com vagar e muita conversa. Eram curiosos aqueles homens, de fala cantada, roupa de riscadinho, passo miúdo aligeirado. Na minha casa ainda se falava como na serra, com ss sibilantes e tt chiados.

Em frente à casa ficava o Palácio, uma palavra que existia apenas nas histórias ganhava concretude. Só que seu habitante era baixinho, velho. Meu avô comentava que muito pouco inteligente, a prova era a palmeira sem frente, cortada para que não se adiantasse ao crescimento das demais, no jardim episcopal.

A rua era longa, quase infinita. Um dia descobrimos um meio de explorá-la, fazíamos minha irmã pequena escapular pelo portão e saíamos, Iracema e eu, atrás dela. Incentivávamos sua caminhada, não a deixávamos sentar-se à calçada e depois de uns tempos tomávamos com a "fujona". Descobridoras intemoratas palmilhamos toda a Esteves Jr. e chegamos um dia à praça e ao mar.

Certa tarde fomos passear na ponte. A tia nos levou, muito tempo se passaria até que minha mãe saísse de casa. A ponte era imensa, linda, e ao atravessá-la a pé, o vento forte me obrigava a segurar firme o corrimão, enquanto olhava os barquinhos minúsculos com um frio na barriga.

Aos poucos eu construía uma cidade, com belezas e feiúras, encantos e mistérios, paulatinamente ia sendo sua habitante. Tornei-me cidadã por força de meu desterro, numa relação de aceitação e de estranhamento. É hoje o meu chão, para ele voltei, voluntariamente, depois de outra diáspora, porém meus ss sibilados e uma certa reserva, embora queira bem à extrover-

Texto extraído do livro *Vozes Veladas*

ATOR NESTOR

Vivemos sob a égide do Conde de Gobineau, que tenta dar verniz científico a uma opinião que só visa justificar o que é injustificável. Por isso é que julgo que não precisas te atormentar, a tua simples existência, a simples existência de tua obra literária desarma quanta teoria pseudocientífica se queira apresentar.

(Gaveta torna u aparecer, abúllica. C não resiste, abraça-se a ela enquanto fala).

ATOR C

**Já te apagaste. Estrela nova,
na funda treva dessa cova,
na negra Transfiguração!**

{Escurece a cena e volta a luz. para onde está o Ponto).

PONTO

(Comovido, segurando a mão de Nestor). Foram seis meses de suplícios, até que ela saiu do letargo; não explico como, mas saiu, voltou a cuidar das crianças, da casa, a conversar comigo e tudo em mim ressuscitou. Eu só entendia a vida ao lado de Gavita. Eu lhe dizia, tens no nome uma sílaba a mais. teu nome é Vita.

ATRIZ

{dirigindo-se ao Ponto). E inconcebível que um Poeta como você tenha passado por tudo isso.

PONTO

É inconcebível que qualquer ser humano passe por isso, tanto aqueles cujo nome a história guarda como aqueles cujos nomes só continuam no coração de quem os amou. No meu entendi, o principal golpe no regime escravagista foi dado pêlos incontáveis quilombos que se espalharam, em todos os tempos, por todo o território brasileiro, negando o regime, dando-lhes as costas, mostrando que era possível viver de outro jeito. Mas hoje nosso povo tem de agir de outra maneira, solapar este regime de exploração de dentro, exigindo que ponham em prática as belas palavras que andam por aí. Liberdade, igualdade e fraternidade ainda é uma consigna revolucionária. Saúde para todos. Educação. Exigir educação com letra maiúscula. Nosso povo, negro, pardo, amarelo ou branco, precisa do que disse a Ruth Guimarães:

Orgulho e Livro.

ATRIZ

Você tem razão; deve ser por isso que se dá tão pouco valor aos professores, bons professores têm ação subversiva por definição.

(A maioria dos atares demonstra aprovação, alguns dúvida).

ATOR NESTOR

Meu amigo, eis a nossa luta, de todos que vimos nos esforçando para que tua arte seja conhecida; que não se confunda tua vida com tua arte. No tempo em que viveste, estavas votado à tragédia, mas tua poesia tem valor atemporal, brotou de tua vida, mas transcende tua história pessoal.

Não és um grande Poeta porque sofreste, és um grande Poeta porque toste capaz de transformar tua experiência pessoal numa experiência universal.

PONTO

Ah! quem dera que, em vez de lágrimas, eu só falasse de sorrisos. Bem, mas não adianta adiar, temos que chegar lá.

(Ator C numa cama, Gavita, grávida, ao lado dele).

Para António Paladino

Nós
E ele
Sozinhos
Uma dor anestesiando o cérebro
E ele já sem dúvidas no rosto despido de sonhos.
Paradas
As mãos famintas de beleza.
Silenciosos
Os gemidos, os cantos e o último desespero.

Era descanso:

O vento acariciava em sussurros o corpo adormecido,
Porém
As árvores e o céu
A alegria indiferente da tarde de maio
O cheiro de sol
O vermelho da flor Falavam de vida e juventude.
E a mocidade, que mal começara a ser
Véspera de destruição,
Proibia
Qualquer vaga tentativa de consolo.

Maio, 1950.

Texto extraído do livro *Os meus fantasmas*

Momó não vivia sozinha. A seu lado estavam o Boi da Cara Preta, a gata Leti, o cachorro Mito e, recém-chegado do interior, o Negrinho do Pastoreio. O Boi da Cara Preta tem a cara bem preta, dois olhos suaves, sonhadores e dois pontiagudos chifres em meia-lua. O resto do corpo é evanescente, sem cor definida; certas circunstâncias fazem no pegar cor. Em outros tempos, o Cara fora muito solicitado, a todo instante chamavam-no para fazer dormir crianças:

*Boi, boi, boi,
Boi da Cara Preta,
Pega esse menino
Que tem medo de careta.*

Agora decorriam semanas, meses, sem quem fosse invocado. Estão fazendo uma pesquisa universitária para ver se o fato se deve a uma possível maior consciência dos adultos, evitando assustar as crianças, ou à decadência de seu potencial aterrorizante face aos monstros da televisão. Eu, que conheço o Cara, sou pela Segunda hipótese. Mesmo nos seus dias de fastígio, quando era chamado a todo instante, seu QA (quociente de assustação) era muito baixo. As crianças dormiam rindo de suas caretas não conheço guri pequeno que tema caretas e embaladas pela ternura que impregnava a voz cantante. Sem quase nada para fazer, nos últimos tempos. Boi da Cara Preta vinha se dedicando a elaborar uma árvore genealógica de sua família. Com sínteses biográficas. Traduzindo: fazer uma lista de seus pais, avós, bisavós, tetravós, tios, primos, acompanhada da história resumida de cada um. Se lhe derem trela, ele garra a falar no Boi Ápis, do Egito dos faraós, no Minotauro, da Grécia, em Rudra e Nandrin, da Índia, no Bumba-meu-boi e no Boi-de-mamão. As vezes, Momo não resiste e reclama:

Credo, você parece que vive só no passado, haja paciência!
O cachorro Mito é um cão-de-guarda, de basto pelo fulvo, orelhas que se empinam ao menor ruído, olhos atentos, rosnar severo e latido ameaçador. No entanto, quando está quentando sol, os passarinhos lhe passeiam pela barriga, fazem suas costas de poleiro. Traz pendurado no pescoço um quadradinho de fazenda, como se fosse um escapulário (as pessoas acreditavam que costurar uma reza num saquinho de pano e trazê-la junto ao peito dava proteção), e não revela para ninguém o que tem ali.

A gata Leti é toda malhada de branco, laranja e preto, olhos verdes, que à noite são esmeraldas faiscantes. A maior parte do tempo passa no colo de Momo, ronronando sem parar. Ela também risca fósforos e mostra as unhas, mas apenas em ocasiões especiais.

O Negrinho do Pastoreio é novo na turma. Encontraram-no tiritando de frio, acororado perto do fumeiro; Momo se chegou, o Cara deu-lhe uma chifradinha de leve, ele soergueu a cabeça e murmurou:

Oi, tché, sou de paz.

Garrara a estrada tentando dar um rumo a sua vida. Todos ali sabiam de sua história, de como fora maltratado pelo fazendeiro desalmado, tendo de dar conta da tropilha desaparecida e de como, afilhado de Nossa Senhora, passara a galopar triunfante pelos pampas, ajudando os pobres a achar perdidos. Mal acreditaram ao vê-lo assim triste e a pé.

Amigo, por que está assim jururu? Não existe mais escravidão no Brasil, agora é crime terrível torturar os outros, e, depois, você até virou santinho, lhe acendem velas, rezam.

Momó dançava em volta dele, tentando animá-lo animá-lo.

A Leti soltou uns miadinhos curtos e murmurados, enquanto passava de leve as garras no braço do menino. Ele se envolveu mais no pala esfarrapado, olhou-os de frente e desabafou:

Uma coisa é a lenda e outra a realidade; escrevem muita coisa bonita a meu respeito, mas a realidade é bem outra. Sou gaúcho a pé, sem eira nem beira. As porteiras estão fechadas, só plantam soja para vender no estrangeiro e quem trabalhava nas estâncias está sem ter onde morar. Além disso, ser negro não ajuda muito, eles acham que só presta quem tem pele branca.

O Cara não queria acreditar, sempre tivera tanto orgulho de sua cara preta. Mito meneou a cabeça, quanta besteira, verdade que tinha conhecido uma buciquinha branca muito linda e boa gente, mas o cão pior caráter da redondeza era um branquinho chamado Tarzan.

Momo, sentindo o anúncio do dia, foi incisiva:

Melhor você entrar para dormir com a gente. Depois de descansar conversamos e

ASSIM SERÁ MEU CANTO

Texto extraído
do livro *Manbã*

Eu quero que minhas palavras
Sejam o eco de outras mil vozes,
Quero que da minha boca saia um canto de união,
O que eu disser de suave
Terá o amargor do que me foi negado,
O que eu cantar de lindo
É o que deverá ser conquistado.

Que o meu canto seja áspero e cruel,
Verdadeiro e leal,
Que ele seja gemido sublimado
E ódio construtor,
Que ele espelhe a história ciclópica
De um povo em luta,
De um povo em marcha
É o meu desejo enfim.

Meu canto - canto de mocidade
Lira do povo,
Palavras do hoje e do amanhã.

Texto extraído
do livro *Manbã*

CONSCIÊNCIA

Esse caminho único que amarra, que prende,
Um só pensamento,
Aniquilação
Fantasmas sempre os mesmos,
Gemidos que até enervam
Num egoísmo que quer ser dedicação;
A música repetida das neurastenias
A paisagem estreita da auto contemplação.

Veio lentamente,
Através dos vidros,
A imagem doutras terras, o som doutro cantar,
O suor, o sangue, o sonho doutra gente;
A angústia de querer
Um frêmito de vida,
O calor, o palpitar do viver universal
E sentir sob os dedos o impecilho transparente
Que é uma proibição.

Dei um sôco na janela,
Deixei que fosse confuso
O panorama interior,
Veio o tango, veio a rumba
Veio o capricho e a sonata
Caími, Beethoven, samba,
Macumba da mente
Em candomblés infernais.

O choro de todos que choram
Lavou o limo do Eu,
Cantei com os que cantavam,
Encontrei por que lutar.
Um pouco em tudo,
Nunca num porto só,
Escancarei a imaginação,
Tentando ser compreensiva,
Procurando me dissolver
Para me realizar.

QUANDO NÃO VENS

Texto extraído
do livro *Manhã*

Afasto a cortina
Na esperança de te ver surgir,
Mas tu não vens.

Não virás hoje,
É certo,

Mas eu te espero.

Não te verei,
Mas no desejo de tua presença
Chego a te sentir junto a mim.

Quando não vens
Sinto ânsias de correr pra ti
No mêdo instintivo
De que não voltes mais.

Não te vejo,
E a mesma solidão sozinha
Que sentia antes de chegares
Volta a existir.

A mesma sensação
De disponibilidade
De existência irrazoável
Se avoluma
Quando não vens.

Agosto 1948

Texto extraído
do livro *Manhã*

POEMA

Coloquei de lado
A mente exausta
E ela se perdeu em turbilhões;
Perdi meu canto
E o corpo tolo,
Desorientado,
Ficou na terra
Chorando exangue.

Deslizaram por mim centenas de mundos
E passos marcaram a calçada
De rastros sem rumo,
Calcando por terra meus sonhos.

Me contemplei,
E tive pena de mim,
Velha de todas as velhices,
Esperança frustra de todas as juventudes

Depois
Senti asco
De meu próprio eu.

Pesquei meu cérebro no sumidouro,
Abrazei o meu cantar,
Pesado de lágrimas
E de sonhos defuntos,
E da ilha isolada
Bradei por Irmãos.

Novembro 1948

SILÊNCIO

Texto extraído
do livro *Manhã*

Tudo quieto,
No coração da mulher
Gritam revoltas
Mas acabaram-se as lágrimas .
Para chorar mais um filho
Morto.

A criança é só quietude
E nem mesmo as velas
Lhe iluminam as faces pálidas
Que a fome formou .

O pai
Silencioso medita,
Traça roteiros,
Há de um dia
- Custe o que custar esse dia-
Vingar os seus meninos
Que a mina,
A água da mina,
Os donos da mina
Não deixam viver.

Pela estrada cheia de poeira,
Negra do carvão que enriquece,
Negra do carvão que mata,
Pela estrada quieta de Criciúma
O cortejo se dirige ao cemitério.

Tudo quieto,
Os sinos mudos, cúmplices,
Não espalham no ar a notícia do crime
Fossem sinos verdadeiros
Estariam gastos de badalar .
As pás quebram o silêncio
Duras, duras,
Sem comoção,
E os sinos comprometidos
Nada dizem, nada falam.

Os sinos falarão um dia,
Mas não dobrarão finados,
Serão sinos de alegria,
Que os pais do menino quieto

Texto extraído
do livro *Manhã*

O PATRAO

Criciúma é negra,
Tem silicose,
Na casa pobre
Já falta o pão,

Mas o patrão,
Forte e sadio,
Dorme tranquilo,
Sonha dinheiro.

Na manhã quente
Da primavera
O menininho
Morreu de fome;

Foi bem em frente
Da prefeitura,
Mas o patrão
Almoça e dorme.

Criciúma negra
Se levantou,
Ser um mineiro
É ser um homem

Bandeiras rubras
Bailam ao vento,
Falam da luta
E da vitória.

E o patrão,
Louco de medo,
Manda a polícia
Contra os mineiros.

Desesperado,
Mal sabe ele
Que assim mais funda
Está ficando a sepultura.

Em outras terras é dia pleno
De messe farta e dê cantigas,
Por isso temos certeza:
Aqui também nós cantaremos
Quando a manhã conquistada
Inundar de luz nossas mãos
Fazendo todo ódio se transformar em construção.

1952

O pai
Sobretudo menino,
Três irmãos,
Mãe de um dia
- Como é que nasce esse dia -
Vagando por essas estradas
Que se abrem
A água da mata
Os detons da mata
Não deixam de ser
Educação dada de pronto,
Nega do corpo que se aquece,
Nega do corpo que mata,
Pela estrada quente de São Paulo
O sorriso se dirige ao desconhecido
Tudo aquilo
Os olhos azuis, como lírios,
Não impedem o olhar do corpo
Focam nos horizontes
Estendem gestos de bondade
Ao pé quadrado e repetitivo
Quem, talvez,
sem conexão
E os olhos crescem, azules
Nada dizem, nada fazem.
Os olhos filiais um dia
Mas não debatem ideias
Terão gosto de água,
Que os pais de repente, quando

Por detrás das convenções
E da expressão estabelecida,
A ternura.

Ondas infinitas
Dessa imensa e desolada ternura,
Mais desconsoladora
Que o ódio,
Que o revoltado desespero.

A face,
Luta e pensamento,
Procura desvairada
De uma explicação,
Solução...
Resposta...
Para si... para o mundo
E um louco,
Um ardente
Desejo de paz.

O rosto desnudo,
De raciocínios e axiomas,
O desejo triste, onipresente
(Melancolia do inatingível)
De ternos anseios
Que o homem sonha
Mas não se diz.

No recesso
Do mundo íntimo
Os doces, quase infantis
Inconclusos
Gestos de carinho;
O homem sem máscara:
Um punhado de ternura,
Um grito alucinado
Por calma e paz.

Infâncias

Texto do Diário Catarinense/SC

15 de outubro de 2003

O título vai no plural porque, infelizmente, as há de vários tipos. Existem crianças que recebem cuidado e carinho e crescem de bem com a vida; no cuidado eu incluo também os limites e a transmissão de valores humanísticos. Não considero que estejam realmente cuidadas as que são educadas como monstros egoístas, tudo calcando aos pés em prol de suas vontades. Existem as que, num país como o nosso que apresenta obscena desigualdade social, ao nascer são um fardo e, logo, logo, têm de se tornar "produtivas", muitas vezes com a responsabilidade de levar para casa o alimento da família. Nem todas são maltratadas pelos pais, mas o desemprego, a insegurança, o sentir-se impotente diante da situação, não são bons conselheiros.

No livro *PIÁ*, o escritor Guido Wilmar Sassi aborda o drama da infância desvalida numa série de contos pungentes. Editado pela SUL, em 1952, mantém hoje uma atualidade que não nos honra. Seus personagens, quase proféticos, formam uma galeria demonstrativa; alguns enredos nós os vemos repetidos no dia a dia, estampados nos jornais, na telinha da TV. É o menino criado como filho das ervas que, para tentar se afirmar como pessoa acaba jagunço, simples acionador do parabelo do patrão; qualquer semelhança com os soldadinhos do tráfico... É a menina que pegam "para criar", eufemismo para empregada doméstica de quase nenhum custo; é a criança que não tem o direito de chamar de pai o "tio" que lhe deu a vida, e assim por diante.

Muitos de meus possíveis leitores não de se lembrar dos romances de Charles Dickens, que retrata a situação dos pequeninos, em plena revolução industrial, trabalhando sem horário e na maior insegurança, em condições desumanas. O cinema também tem abordado o assunto. Nós vemos tudo, talvez por causa dos trajes antiquados, como passados "naquele tempo"; para vergonha nossa, fatos muito semelhantes fazem parte de nossa realidade.

Um cínico (no sentido corrente, não no filosófico) já observou que o tempo é o melhor remédio para o problema do menor abandonado, ele logo se torna "maior." À medida que a criança cresce as cobranças vão se tornando mais severas e se chega ao ponto de demonizar o adolescente infrator, fazendo crer que ele é por definição criminoso e irrecuperável. No tipo de instituições que temos, por certo a recuperação tem foros de milagre, mas a sociedade não pode esquecer ou ignorar que, por violento que ele seja, é fruto da violência que sofreu desde bebê.

Considero válidas e louváveis as iniciativas generosas para minimizar o quadro, mas enquanto o desemprego campear, a reforma agrária for um "sonho", a massa salarial (contrariando uma tendência nos países com melhor equilíbrio social) diminuir em relação ao lucro, enquanto o Governo se mostrar, por palavras e atos, surdo ao clamor da sociedade organizada e atento a qualquer resmungo do "mercado", infelizmente, teremos de falar de infância como uma construção histórica que ainda não vingou em nossa pátria.

Li uma notícia com dados revoltantes, reproduzindo fala do jornalista Paulo Arenhart: a maioria esmagadora dos jovens brasileiros nunca viram um balé, uma dança moderna, uma peça de teatro, um concerto musical; podemos chamar nossa sociedade de democrática? Há uma lógica cruel em tudo: tal como os bens materiais, os bens simbólicos também são criminosamente concentrados.

O pior é que os bens simbólicos constituem uma riqueza que ajuda a libertação.

egle.malheiros@diario.com.br

Por Eglê Malheiros

UM DEDO DE PROSA

PROMOÇÃO:
Centro de Comunicação e Expressão (CCE)

COORDENAÇÃO GERAL:
David Lemos Diretor do CCE

VICE-DIRETOR DO CCE:
Elson Pereira

ASSISTENTE DE DIREÇÃO:
Aldaney Lucy Correa

PROJETO GRÁFICO:
Curso de Comunicação e Expressão Visual da
UFSC
Prof. Carlos Righi

PROJETO ÁUDIO-VISUAL:
Curso de Jornalismo da UFSC

COORDENADOR:
Sérgio Mattos

EDIÇÃO E APRESENTAÇÃO:
Aline Koller

CÂMERAS:
Juan Weik
Renato Machado
Felipe Silva

SUPERVISÃO DE CÂMERA:
Henrique Gião

COLABORAÇÃO:
Dilvo Ristoff
Daiane Morfim de Andrade
Thiago Blanch Pires
José Paulo Rosa
Joyce Lapa

Evento realizado no dia 27/05/2004
no Auditório Henrique da Silva Fontes



Realização:
CCE/UFSC

Apoio:
PRAC/PRCE - DAEX - UFSC
EGR, JOR, LLE, LLV,
Fundação José Boiteux

ineditus

Eglê Malheiros*

O velho militante

Porque jaz no mar esta ilha
E dentro dela seu povo
De amar, de odiar e de novo amar
Porque se indagou e buscou
a validade das vivências
e o sentido do existir
E até quando, até como, até onde
engrenamos sem nos trair
É que me lembrei de ti
companheiro das muitas saudades
Sempre construindo
-grãos de areia açoitados pelo vento-
Sempre esperando
-oh postergado amanhã-
Coração a estourar pelo alegre e pelo triste
espargido no espaço com o primeiro Sputnik
E nesta ilha e seus humanos seres
tinhas a mente orientando
o impulso do sentir
Em tua vida tão de gente
tal um bicho
Vivias assim
sem saber viver diferente

* escritora e tradutora



Artes Plásticas

Alberto Luz: Criatividade num estilo somente seu

Nascido em Blumenau, Alberto Luz tem currículo que passa por salões nacionais, sempre festejado como um dos mais importantes artistas plásticos de Santa Catarina. Jamais se apegou a velhos padrões e formas. Nunca tentou reeditar clássicos ou mesmo artistas famosos pertencentes a correntes diversas, a movimentos que sobreviveram. Seus trabalhos falam como válida e reconhecida autenticidade no contexto da arte brasileira.



Alberto Luz é um artista blumenauense que tem o seu estilo próprio em criatividade.

É sem dúvida um artista plástico com tráfego livre nas melhores exposições do País. Usa como tema manequins, folhagens, borboletas, impressões e telas, fazendo rostos de céu-de-estrelas, manequins-fruteira, bustos de olhos de gato, pintados com pássaros e frutos, inspiração que lhe vem da fauna e flora do Vale do Itajaí, com seu tropicalismo admirado por todos.

Dele assim se referiu o poeta Lindolf Bell: «Alberto Luz encontra-se na direção de um dos mistérios da arte. Para encontrar o caminho da pintura duradoura, é preciso abandonar o sonho como indivíduo. É preciso integrar o sonho individual, ao vasto sonho do mundo. O resultado deste caminho de esquecimento de si mesmo, é hoje,



Verso e Reverso.

o produto final de sua entrega ao público, através de quadros e objetos. Uma entrega vivida, desenvolvida, devolvida, próxima à consagração».

Do seu currículo, seria bom destacar que sua estréia deu-se em 1965 e, gradativamente, a estrela foi brilhando com intensidade maior. Em 1977, com trabalhos maravilhosos, participou das seguintes mostras: Leilão de Arte, Blumenau; Exposição Galeria Verde Vale, Itajaí; Acervo Galeria Açúcar, Brusque; Individual Galeria Lascaux, Joinville; Festa de Cores, na Galeria de Arte «Acaiaca», em Curitiba e ainda na festajada Exposição Verão: arte, na Galeria «Acaiaca», de Curitiba.

Seus trabalhos aqui reproduzidos dão uma tênue idéia de trabalhos admirados por todos.



Objeto nº 5.

Cultura

Com o findar da Grande Guerra Mundial um grupo de gente jovem, entusiasta, marcou um movimento renovador, a «nouvelle vague» da época, o Grupo SUL, formado de escritores, poetas, dramaturgos, artistas plásticos, críticos literários, etc. Nomes como por exemplo Aníbal Nunes Pires, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Armando Carreirão, Jair Hahms, Doralécio Soares e tantos outros, deixaram no céu das artes catarinenses estrelas cintilantes.

Entretanto, os movimentos poéticos tem demonstrado ultimamente ciclos e nuances fortes e fracas, quando a tendência deveria ser a estabilidade cooperativa entre todos, numa ascensão programada, em prol de todos aqueles que dela participam. Muito mais ganharia o leitor.

É preciso que haja entusiasmo e que os artistas catarinenses, que já tiveram oportunidade de dar foros de internacionalismo em seus trabalhos e obras, unam-se em torno de um ideal comum.

Do Grupo SUL ficou-nos apenas o legado de suas obras. Verdadeiros trabalhos que marcaram época no tempo e no espaço. Vamos valorizar o que é nosso. Vamos congregá-los em torno de um ideal comum: a valorização sempre crescente e a plena demonstração da cultura catarinense. Mas para que isso aconteça é preciso que nos unamos todos. As artes não tem fronteiras e o tempo é testemunha disso.

Selecionamos as poesias abaixo, lembradas com o maior carinho.

PRIMAVERIL

Eglê Malheiros

Um jeito tão particular em tudo
Que o estado de poesia é compulsório,
Antes fosse compulsória a dádiva da
[expressão.]

Como gravar aqui, neste papel,
Em que meu filho exercitou sua analfabeta
[datilografia.]

A graça desse gesto
E o encanto deste dia?

POEMA DAS ÁGUAS IMPOSSÍVEIS

C. Ronald Schmidt

Eu poderia mudar o curso de minhas águas
e o de tuas águas também!...
mas não mudarei. Não afluirei às tuas águas
nem deixarei que as tuas águas fluam a mim.

Continuaremos a nossa existência paralela-
[lamente]
como até agora fomos...
sentindo-nos mutuamente através da terra
[comum a nós]
e atraindo-nos mutuamente.

Não nos uniremos! porque nos diferencia-
[riamos extremamente]
e nossas águas seriam diferentes
e talvez até nosso leito seria diferente
e correríamos entre outras paisagens mais
[agressivas]
e quem sabe se a terra em que hoje des-
[preocupados corremos,
não nos transmudaria em águas precipitadas,
loucas, despencando-se em abismos inson-
[dáveis]
por cima de rochedos afiados?

3 Índice por ano

Ano	Referência	
	MALHEIROS, Eglê. El cuento: garra e imagiación. [Suplemento da Tribuna , p. 6]	14
	MALHEIROS, Eglê. O velho militante. Cartaz: Cultura & Arte , ano v, n.29, p. 76,	25
1953	MALHEIROS, Eglê. Litania da Simplicidade. [1953]. Manuscrito.	02
1960	MALHEIROS, Eglê. Nossos Poetas. O Rebate , 20 de fev. de 1960, p.3	19
1976	MALHEIROS, Eglê. Quatro vozes do Paraná que tem muito a dizer. O Globo , 8 de ago. de 1976. Livros	04
1976	MALHEIROS, Eglê. A irresistível ascensão de um ex-irmão leigo. O Globo , 31 de out. de 1976. Livros	06
1976	MALHEIROS, Eglê. Uma escritora de talento à espera de um editor. O Globo , 23 de maio de 1976. Livros	08
1976	MALHEIROS, Eglê. Um livro póstumo à procura de seus leitores. O Globo , 2 de maio de 1976.	10
1976	MALHEIROS, Eglê. Um gênero de limites oscilantes. O Globo , 6 de jun. de 1976. Livros, p. 9	11
1976	VALADÊS, E. Edmundo Valadês, um escrito mexicano no Brasil. Entrevistado pro Eglê Mlaheiros. O Globo , 18 de out. de 1976.	23
1977	MALHEIROS, Eglê. Ninguém resiste aos binóculos das irmãs Pilar. O Globo , 03 de abr. de 1977. Livros	05
1977	MALHEIROS, Eglê. A irresistível ascensão de um ex-irmão leigo. Suplemento Literário , Minas Gerais, 8 de jan. de 1977.	07
1977	MALHEIROS, Eglê. Um contista de pulso que fustiga os costumes. O Globo , 23 de jan. de 1977. Livros	09
1977	MALHEIROS, Eglê. Uma população risível e patética. O Globo , 9 de nov. de 1977. Livros	12
1977	MALHEIROS, Eglê. Problemas da tradução do livro infantil. Boletim Mensal SNEL, N. 28, dez. 1977, p.4-5.	13
1978	MALHEIROS, Eglê. Monteiro Lobato do Jeca ao Zé Brasil. Suplemento da Tribuna , Ano, VI, n. 275, 12/13 ago. de 1978,	18
1978	MALHEIROS, Eglê. Primavera. Revista do Sul , n.243, p. 49, mar. 1978	26
1980	MALHEIROS, Eglê. Atualidade de Cruz e Souza. O Estado , Florianópolis, 19 de mar. de 1980. Cidade, p.16	20
1981	MALHEIROS, Eglê. Infante Juvenil: sem jeremiada. Leia Livros , ago. de 1981. Chamada	03
1981	MALHEIROS, Eglê. Um mundo de sonho e verdade. Ciranda , Florianópolis: UFSC, Ano 1, n.1, out. 1981. Capa.	15
1995	MALHEIROS, Eglê. As artes de nossa terra. Folha da cultura - Jornal da Fundação Franklin Cascaes, Ano III, n.9, mar. 1995. As artes.	16
2000	MALHEIROS, Eglê. Emília ontem e hoje. Ô Catarina , Florianópolis, n.42, set/out 2000. Ensaio, p.4	17
2004	UM DEDO de prosa com Eglê Malheiros. Florianópolis: CCE/UFSC, 2004. 16 p.	24
2005	MALHEIROS, Eglê. Carta a uma criança simbólica. Diário Catarinense , Florianópolis, 24 e 25 de dec. De 2005. DonnaDC, p. 11.	22
2009	MALHEIROS, Eglê. Alto Risco. Diário Catarinense , Florianópolis, 23 de mar. de 2009. Artigos	01